



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Moisés Fernandes Lemos

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A PSICANÁLISE

FREUDIANA: DA METAPSICOLOGIA AOS TEXTOS SOCIAIS

UBERLÂNDIA

2006

Moisés Fernandes Lemos

**CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A PSICANÁLISE
FREUDIANA: DA METAPSICOLOGIA AOS TEXTOS SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno.

**UBERLÂNDIA
2006**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de
Catalogação e Classificação / mg / 02/06

L557c

Lemos, Moisés Fernandes, 1962-
Considerações teóricas sobre a psicanálise freudiana: da
metapsicologia aos textos sociais / Moisés Fernandes Lemos. -
Uberlândia, 2006.
99f.

Orientador: Caio César Souza Camargo Próchno.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uber-
lândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicanálise - Teses. 2. Metapsicologia - Teses. I. Pró-
chno, Caio César Souza Camargo. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.
Título.

CDU: 159.964.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Dissertação intitulada “Considerações teóricas sobre a psicanálise freudiana: da metapsicologia aos textos sociais”, de autoria de Moisés Fernandes Lemos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno – Orientador

Profa. Dra. Maria Lúcia de Castilho Romera – FAPSI/UFU

Profa. Dra. Sandra Augusta de Melo – FAPSI/UNITRI

Uberlândia, 21 de fevereiro de 2006

Av. Campus Umuarama, Bloco C, Sala 46, CEP 38400-902 – Uberlândia – MG.

Aos meus filhos, Hugo e Heitor, pelo indescritível prazer de exercer a função paterna.

À Sarah, filha do coração, pelos ensaios e erros.

À minha esposa, Tereza Cristina, pelo carinho e apoio incondicional nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Caio César S. C. Próchno, pela orientação e atenção, principalmente as dispensadas nos momentos imprevistos.

À Isa, amiga de qualquer hora, pela interlocução construída no decorrer de vinte anos, que palavras são insuficientes para nomear.

À Nadabe, colega de trabalho, que como pessoa esteve acima da hierarquia, ampliando o conceito de amizade.

Às professoras Elizete M. S. Rocha e Heloisa Bertarini, pelo esforço concentrado na revisão ortográfica.

Ao cunhado José Roberto, que mesmo distante se fez presente.

Ao amigo Wender pelos “galhos quebrados” e companheirismo nas infindáveis jornadas de trabalho.

Aos meus irmãos, que direta ou indiretamente, participaram dessa jornada.

Finalmente, agradeço ao meu pai, José Lemos Carneiro, pelo insuperável exemplo de vida, e pelo incentivo e importância dada aos “estudos”, ainda que lhe tivesse faltado oportunidade para aprimorar nas “letras”.

Não revolvi sua vida em busca de falhas. Os defeitos descobertos por outros nos últimos anos não afetaram meu fascínio por sua incomum realização, que continua a me perseguir “como um fantasma não esconjurado”.

Yerushalmi ¹

¹ YERUSHALMI, Y. H. **O moisés de freud**: judaísmo terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 132.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo rastrear conceitos na obra de Freud, verificando em que medida há indícios de articulação teórica entre a metapsicologia freudiana (1915-1917) e seus textos sociais (1913 [1912], 1921, 1927, 1930 [1929]), notadamente no que concerne à relação entre a pulsão de morte e O mal-estar na civilização (1930 [1929]), obra em que Freud demonstra seu pessimismo para com o futuro da civilização. Nossa suposição inicial era que, mesmo não se constituindo um caminho planejado, quando da produção dos textos metapsicológicos, já havia em Freud uma preocupação constante com os desígnios da civilização e que ao aplicar o método interpretativo às questões relativas à cultura ele amplia a leitura do social sem, contudo pretender estabelecer uma sociologia freudiana. O estudo se caracterizou como uma pesquisa bibliográfica, sendo que como opção metodológica apresentou-se o método indiciário ou semiótico, que ao tomar a obra de Freud como um discurso, abriu perspectivas de análise dos objetivos propostos. Atenção especial foi dedicada aos conceitos de identificação, pulsão de morte e sublimação, os quais facultam o entendimento da psicologia individual e social. Na análise não foram encontrados indícios de uma forte e intrínseca articulação dos textos metapsicológicos (1915-1917) com os textos sociais de Freud, mas pode-se afirmar que Freud partiu de uma análise individual rumo ao social, aplicando os conceitos e descobertas da Psicanálise a uma realidade mais ampla que dualidade normalidade x patologia, ampliando e possibilitando novas leituras da civilização. O conceito de pulsão de morte ajuda a explicar O mal-estar na civilização e a metapsicologia psicanalítica continua aberta, com suas peculiaridades, desafios e contradições, à espera de novas investidas no sentido de melhor entender a organização social humana, contribuindo para futuro mais promissor.

Palavras chave: Intersubjetividade. Metapsicologia. Psicanálise.

ABSTRACT

The present study had the objective of tracking concepts in the works of Freud by verifying in which measure there could be indications of theoretical relation between Freud's meta-psychology (1915-1917) and his social texts (1913 [1912], 1921, 1927, 1930 [1929]), particularly concerning the relation between pulsion of death and the malaise in civilization (1930 [1929]), work in which Freud reveals his pessimism regarding the future of civilization. Our initial assumption for this study was that when of the production of the meta-psychological texts, even if it was unplanned, Freud had already a consistent concern with the future of civilization and that when he applied the interpretative method to the questions relating to the culture, he extended the reading of the social without, however, intending to establish his own sociology. This study intended, initially, to be only a bibliographical research and as I used the semiotic method by taking Freud's work as a speech, it opened new perspectives of analysis of the objectives. Special attention was dedicated to the concepts of identification, pulsion of death and sublimation, which lead to the understanding of both individual and social psychology. It has not been found, in this analysis, any consistent or strong indication of the pretense articulation of the meta-psychological texts (1915-1917) with the social texts of Freud, but it can be affirmed that Freud's analysis' route began from the individual to the social by applying the concepts and findings of the Psychoanalysis to a wider reality than the one of normality duality X pathology, extending and making it possible new readings of the civilization. The concept of pulsion of death helps to explain the malaise in the civilization and, the psychoanalytic-meta-psychology continues to be open with its peculiarities, challenges and contradictions, waiting for new attempts for a better understanding of human social organization and contributing in this way for a more promising future.

Key words: Inter-Subjectivity. Meta-Psychology. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. A Escolha da Metodologia de Trabalho.....	25
2. ANTECEDENTES METAPSICOLÓGICOS NA OBRA DE FREUD.....	32
3. RASTROS E NUANCES DO SOCIAL NA METAPSICOLOGIA FREUDIANA..	46
3.1. A Teorização da Década de Vinte	58
3.2. A Hipótese da Pulsão de Morte.....	64
4. OS TEXTOS SOCIAIS DE FREUD.....	71
4.1. Acerca da Publicação de O Mal-Estar na Civilização.....	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
BIBLIOGRAFIA	94

1. INTRODUÇÃO

A verdade de fato não condena nem absolve,
não enuncia nem prescreve: ela diz.

Rey-Flaud²

A Psicanálise é considerada por alguns a ciência do século. Parece pretensiosa a afirmação, mas sem ufanismo, por um lado pode-se dizer, sem grande margem de erro, que ela revolucionou o pensamento humano, influenciando praticamente todas as áreas do conhecimento. Por outro lado, é inegável que, após mais de um século de existência, a mesma já não desperte tanto interesse, nem escandalize tanto quanto antes, mas, mesmo assim, continua disponibilizando meios para entender o mal-estar da contemporaneidade (BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2001; LE RIDER, et al., 2002).

Usando das palavras de Japiassu (1982a, p. 101) pode-se afirmar que “[...] a Psicanálise invadiu todos os domínios da atividade e da cultura humanas: pedagogia,

² REY-FLAUD, Henri. Os fundamentos metapsicológicos de *o mal-estar na cultura*. In: **Em torno de o mal-estar na cultura, de freud**. LE RIDER, Jacques, et al. São Paulo: Escuta, 2002, p. 19.

caracterologia, estética, sociologia, história e literatura, mitologia, história das religiões, das civilizações, etc”.

Ao fazer um recorte e restringindo nosso universo a comentadores de Freud, ao consultando notadamente autores nacionais consagrados, como Costa (1989); Garcia-Roza (1999; 2000a, 2000b); Herrmann (1991a); Monzani (1989; 1991) e outros, pode-se deduzir que a prática psicanalítica contemporânea vem passando por acentuada crise. Observa-se uma diminuição no interesse pelos achados psicanalíticos, como um todo e, mais especificamente, um esvaziamento dos consultórios e clínicas especializadas, que acabam se tornando preocupantes dados o alarde de tempos atrás.

À medida que a Psicanálise foi se difundindo, problemas teóricos, técnicos e práticos foram surgindo a ponto de ameaçar sua integridade conseguida a duras penas. Aspectos importantes como a fragmentação conceitual, o esquecimento da própria história, a proliferação de escolas e o sectarismo das mesmas são vistos como responsáveis, pelo menos em parte, pela atual situação (HERMANN, 1991a; JAPIASSU, 1982a; MONZANI, 1991).

Segundo Japiassu (1982a, p. 103) “[...] Em extensão, a Psicanálise ganhou terreno, ultrapassando de longe os domínios já vastos traçados por seu fundador. E isto, a tal ponto que por uma espécie de verdadeira inflação cultural, ela corre o risco de perder em compreensão e, inclusive, de ser incompreendida”.

Lacan (1986) já demonstrou que tentativas de superar os impasses encontrados pela Psicanálise devem reportar aos seus primórdios, notadamente aos textos de Freud. Não obstante, a árdua tarefa de resgatar os textos freudianos e consequentemente os fundamentos da Psicanálise implica, num primeiro momento, na superação de um problema: como tomar a obra de Freud? Deve-se tomá-la como um

todo, um continuum, ou existem rupturas na obra freudiana a ponto de se negligenciar textos, conceitos ou períodos?

Na tentativa de responder a esta questão, Monzani (1989) discutiu o movimento do pensamento de Freud, destacando momentos importantes que caracterizam sua obra como: a passagem do Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]) a A interpretação dos sonhos (1900), e desta aos artigos de metapsicologia (1915-1917). Há, ainda, reconhecimento da importância dos artigos publicados na década de 20, iniciada com Além do princípio do prazer (1920 [1919]), por meio da introdução da pulsão de morte, segunda tópica e conseqüentemente o conceito de superego. Nesta época Freud publicou diversos artigos voltados para a organização do homem na sociedade, ocupando-se do assunto até seus últimos dias de vida, tais como: Psicologia de grupos e análise do ego (1921), O futuro de uma ilusão (1927), O mal-estar na civilização (1930 [1929]), Aquisição e controle do fogo (1932), Por quê a guerra? (1933 [1932]) e Moisés e o monoteísmo (1939 [1934-38]), acabando por chamar a atenção para temas relativos à civilização³.

Ao se referir ao tema cultura convém destacar os argumentos de Enriquez quando diz que:

Podemos entrever que o estudo sistemático, sempre retomado do psiquismo individual, somente tangencia os limites do psiquismo coletivo. Não foi apenas a genialidade de Freud ou seu interesse particular pelos fenômenos sociais que o levaram a fazer uma obra sociológica. Podemos, pelo contrário, afirmar que ao pretender ser honesto e explorar todas as conseqüências de suas descobertas, Freud não podia se furtar à questão da instauração do social (a civilização, os mitos, as religiões, o grupo) que ele percebia agir na sintomatologia de seus pacientes (ENRIQUEZ, 1999, p. 23).

³ Há bastante polêmica em relação à utilização dos termos cultura ou civilização em Freud, mas no presente estudo os termos serão utilizados indistintamente.

Quando Enriquez se propõe a analisar a produção freudiana relativa à cultura como um todo, afirma:

Se os ensaios que constituem Totem e tabu foram escritos entre 1912-1913, e Psicologia de grupo e análise do ego sete anos mais tarde, vê-se, por outro lado, se sucederem trabalhos como O futuro de uma ilusão (1927), O mal-estar na civilização (1929/30) e Moisés e o monoteísmo (cuja primeira parte foi redigida em 1934). Assiste-se então a um fenômeno de centralização sobre problemas sociológicos nos últimos anos da vida de Freud, como se ele quisesse consagrar o essencial de suas forças para realizar a aspiração que, em sua juventude, o tinha conduzido ao conhecimento filosófico, dando à luz uma teoria da cultura e da história (ENRIQUEZ, 1999 p. 80).

Pelo visto os posicionamentos não são unânimes, caso se atente para os argumentos dos sucessores de Freud, mais especificamente aos argumentos dos clínicos, novas e contundentes posições seriam encontradas.

Não obstante, considerando que a produção de Freud na década 1910/1920 seja caracterizada notadamente por textos teóricos que fundamentam a prática clínica, pelos chamados textos metapsicológicos (1915-1917), ao passo que a década 1920/1930 é marcada também pela produção de textos relativos à cultura, cabe perguntar: existem indícios de uma articulação entre a metapsicologia psicanalítica (1915-1917) e os textos sociais de Freud (1913 [1912], 1921, 1927, 1930 [1929])? Os textos metapsicológicos (1915-1917) antecipam a dedicação de Freud aos temas relativos à cultura? Qual o lugar ocupado pela pulsão de morte nos textos sociais de Freud?

Sendo assim, o objetivo desse estudo foi rastrear conceitos na obra de Freud, verificando em que medida há indícios de articulação teórica entre a metapsicologia freudiana (1915-1917) e seus textos sociais (1913 [1912], 1921, 1927, 1930 [1929]), notadamente no que concerne à relação entre pulsão de morte e O mal-estar na civilização (1930 [1929]), obra em que Freud demonstra seu pessimismo para com o futuro da civilização.

Nossa suposição é que, mesmo não se constituindo um caminho planejado, quando da produção dos textos metapsicológicos, já havia em Freud uma preocupação constante com os desígnios da civilização e que, ao aplicar o método interpretativo às questões relativas à cultura, ele amplia a leitura do social sem, contudo pretender estabelecer uma sociologia freudiana.

As citadas controvérsias remontam à importância dedicada ao Projeto (1895), em que, segundo alguns comentadores de Freud, naquela oportunidade a obra de Freud já trazia a maioria dos fundamentos da Psicanálise (GARCIA-ROZA, 2001; MONZANI, 1989; 1991; PRADO et al., 1991).

Existem ainda controvérsias quanto ao assunto relativo à tradução: Freud retratava a cultura ou a civilização? James Strachey, tradutor da Coleção Standard, inglesa, optou pelo termo civilização, ainda que Freud usasse indistintamente os dois termos. Nosso texto de referência básico é a Standard brasileira, oriundo da versão da inglesa, mas no presente trabalho não pretende dirimir a polêmica, usando, também, indistintamente um termo ou o outro (STRACHEY, 1927). O assunto será retomado quando da discussão específica da obra O futuro de uma ilusão (1927).

Controvérsias à parte, o tema é relevante a ponto da coleção Standard das Obras Psicológicas Completas de Freud trazer em seu volume XIII, página 193, uma relação das obras de Freud que tratam de Antropologia Social, Mitologia e História das Religiões, ou seja, textos que apontam para interesse de Freud em relação à cultura (FREUD, 1913 [1912]).

Não obstante, antes de nos dedicar mais detalhadamente à suposta articulação entre metapsicologia e os textos sociais convém retomar os caminhos trilhados pela Psicanálise e repensar (em parte) sua história.

Repensar a Psicanálise parece implicar num movimento oposto ao de Freud: partindo de fatos e fundamentos básicos ele construiu uma nova disciplina, uma nova área do saber. Hoje, são tantos os caminhos e fontes que fica difícil escolher o caminho a trilhar. Trabalhos sérios foram realizados e obras consagradas produzidas, mas apesar de todos os esforços, de forma alguma, o assunto encontra-se esgotado, ou ainda, sua importância esteja relegada a um segundo plano, sendo, portanto, o legado da Psicanálise incontestado.

Entre as contribuições de Freud que causaram maior impacto no pensamento, até então vigente, destacam-se, no grosso modo, a proposta de uma sexualidade infantil, a introdução do conceito de inconsciente psíquico (como instância) e o desenvolvimento de um método capaz de ouvir a dor humana em toda plenitude. A guisa de esclarecimento convém elucidar que o referido método é o interpretativo.

Com a introdução do conceito de inconsciente, não como oposição à consciência, mas como uma instância psíquica, houve um destronamento do discurso consciencialista, caracterizando a terceira ferida narcísica no pensamento ocidental (a primeira e a segunda foram as descobertas de Copérnico e Darwin respectivamente) e, provocando mudanças irreversíveis no modo do pensar humano (MONZANI, 1989, RICOEUR, 1978). Consequentemente, defensores e críticos proliferaram, por todas as áreas do saber, na mesma proporção em que a obra foi difundida. Enfim, a Psicanálise de Freud foi combatida, rejeitada, criticada, adorada, desenvolvida e consolidada como um saber humano.

Não obstante, os estudos e pesquisas realizadas por seguidores e sucessores de Freud como Bion, Klein, Lacan, Rank, Reich e outros, e as possibilidades de embasamentos em diferentes momentos da obra freudiana, levaram ao surgimento de

escolas e estas escolas privilegiaram parte da obra, ora ampliando, ora restringindo seus horizontes em posicionamentos sectários. O certo é que a Psicanálise ganhou dimensão bem maior que antes sonhada, pagando para tanto, às custas de sua coerência interna, visto que cada escola desenvolveu-se em determinada direção.

Ao teorizar sobre a importância do método psicanalítico, Herrmann (1991a), destaca como fatores relevantes que caracterizam a Psicanálise atual, o esquecimento de seus achados e o excesso de fragmentação, concordando com Monzani (1989) e Ricouer (1978). Ele entende a segunda geração de psicanalistas como o período das escolas, em que a ênfase é colocada na eficácia da clínica. A fragmentação ganha corpo, havendo em contrapartida um distanciamento dos próprios achados psicanalíticos, fazendo-se necessário outro caminho.

Visto que Monzani também discutiu o assunto, cabe destacar em sua argumentação o texto a seguir apresentado:

A obra de Freud esteve, regra geral, dividida em dois campos. De um lado, os psicanalistas, acreditavam cegamente, como a maioria faz até hoje, sem discutir nem questionar, a teoria e os conceitos que guiavam sua prática; prática essa que era a única coisa que os interessava. De outro lado, floresceu uma leitura crítica, no mau sentido do termo, em que se procurava mostrar a falsidade das teorias freudianas, produzindo estranhas alianças entre escolas, às vezes opostas e cujo resultado não foi outro senão a deformação sistemática do pensamento de Freud (MONZANI, 1991, p.112).

Ainda segundo Monzani, no período do sectarismo das escolas, aqui entendido como visões radicais e parciais da Psicanálise, há também outros recursos que, ao serem usados, deturparam a obra de Freud. Afirma ele: “[...] uma terceira estratégia, essa mais sutil e perigosa, constitui-se no fato de se realizar um travestismo sistemático da obra de Freud, escamoteando assim aquilo que de mais original há em sua obra” (MONZANI, 1991, p.112). O autor não deixa claro o que ele chama de mais original em

Freud, mas pelo desenvolvimento de seus argumentos parece se referir à questão do método e à produção teórica de Freud.

Parece que Freud nunca pretendeu dar à Psicanálise o contorno de um sistema filosófico, que possa responder totalmente aos diversos questionamentos e inquietações humanas. Parece, sim, que na tentativa de desenvolver e consolidar uma nova ciência Freud transitou por caminhos alheios à Psicanálise, ora buscando respaldo nas ciências humanas e desenvolvendo a parte dita especulativa de sua obra, ou seja, toda metapsicologia, ao preço de ser criticado pela demasiada aproximação do psicologismo; ora buscando abrigo e conforto no porto seguro das ciências naturais, aproximando-se do biologismo, área já aceita e consagrada no meio científico (MONZANI, 1991).

O conhecimento alcançado pela Psicanálise não podia ficar restrito aos seus próprios limites, confinados nos âmbitos das diferentes escolas, ou reduzido aos interesses dos que praticavam a técnica psicanalítica. Ao buscar a mencionada superação, alternativas diversas têm sido apresentadas, consolidando a Psicanálise como uma importante conquista para a humanidade.

Neste sentido, Herrmann argumenta:

À terceira geração da Psicanálise, que deve suceder ao período das escolas, caberá problematizar os critérios escolásticos, recusando-se a ser uma escola a mais, antes buscando a trilha que permitirá conciliá-las por depuração seletiva, submetendo suas contribuições a uma crítica rigorosa, cujo norte só o método psicanalítico pode fornecer (HERRMANN, 1991a, p.16).

Quanto à importância do desenvolvimento de uma leitura da Psicanálise, que possa criticar suas teorias, desenvolver seus conceitos e consolidar achados, Monzani afirma:

[...] é preciso elaborar uma leitura interna no discurso psicanalítico, examinar seus contornos próprios, suas linhas de projeção, a articulação das teses entre si, o modo de validação, etc. Se existe uma filosofia ou ontologia implícita no discurso freudiano, só esse tipo de trabalho poderá um dia esclarecer (MONZANI 1991, p.126).

Para que isso se tornasse possível, fazia-se necessário a garantia de consolidação do mínimo que cada escola desenvolveu, visto que a produção psicanalítica ficou fragmentada em diferentes escolas, conforme citado anteriormente. Sendo assim, parece fundamental o resgate do método interpretativo proposto por Freud, assim como uma releitura de sua metapsicologia e a elaboração de uma epistemologia da Psicanálise como forma de se atingir a referida consolidação de seus achados, condição necessária ao desenvolvimento de qualquer ciência.

Não obstante, muito se produziu no sentido de defender ou criticar a obra de Freud chegando-se, conseqüentemente, à saturação do assunto, sem, contudo, sintetizar as contribuições psicanalíticas freudianas e pós-freudianas.

Monzani (1991, p. 127) afirma que “[...] esse processo de saturação e exaustão provocou uma reviravolta total, delineada de uma nova atitude, que acabou por colocar as questões em outros termos e, sobretudo, possibilitou o começo de uma leitura atenta e rigorosa dos textos”.

No delineamento de uma nova atitude, esforços relevantes olvidaram caminhos inéditos. Pode-se citar, nessa direção, a importância da releitura da obra de Freud feita por Lacan, contribuindo na depuração, elucidação e clarificação de conceitos psicanalíticos; por Laplanche e Pontalis na fixação de um léxico básico; por A. Green com a análise da noção de afeto na obra de Freud; e por P. Aulagnier nas leituras interpretativas realizadas em *A violência da interpretação* e *Os destinos do prazer* (MONZANI, 1991).

Conseqüentemente, o momento crítico e produtivo antes caracterizado levou ao começo de uma tomada de consciência dos problemas que realmente atravessam a obra de Freud, caminhando no sentido de delimitar o conjunto de regras e procedimentos que regulem a constituição do campo analítico. Estabeleceu-se um trabalho de clarificação do método, que consiste na explicitação do conjunto de postulados e das práticas, visando, assim, esclarecer como esta disciplina trabalha.

No Brasil, Herrmann (1991a; 1991b; 1992; 1997) enveredou-se por este caminho e vem criando uma obra que não pode deixar de ser considerada, cabendo também destaque a atenção dedicada à clínica extensa, ou seja, à abertura de novos espaços destinados à clínica, adequando a técnica às especificidades de cada modalidade de atendimento.

Não obstante a todos esses esforços, persistem problemas na Psicanálise que justificam e carecem de novas leituras. Parece consenso, que do ponto de vista epistemológico existem alguns problemas básicos na obra de Freud e dentre eles, pode-se destacar no âmbito da sociabilidade e da cultura:

[...] existem sem a menor sombra de dúvida, em Freud, uma teoria dos fatores de hominização, uma teoria sobre a gênese da sociabilidade (herdeira direta de Epicuro e Hobbes) e uma teoria sobre os fatores determinantes, do ponto de vista psíquico, dessa mesma sociabilidade. Essas teorias, seus respectivos pontos de vista são completos, mas seguramente insuficientes para a constituição de uma teoria geral da sociabilidade (MONZANI, 1989, p.134 -35).

Portanto, voltar a Freud implica em alguns cuidados básicos, dados os diversos momentos pelos quais sua obra passou, a influência que exerceu, e ainda, sua importância para a prática da Psicanálise, num âmbito restrito, e o interesse da humanidade como um todo, num plano mais amplo.

Como foi dito anteriormente, Monzani (1989) discutiu o movimento do pensamento freudiano e o impasse de vê-lo como um bloco monolítico ou como descontínuo, o que equivaleria a uma ruptura. Segundo o autor, o pensamento de Freud, grosso modo, apresenta três momentos distintos: primeiro, de corpos até por volta de 1897; segundo, da Interpretação dos Sonhos (1900) até escritos de metapsicologia (1915-1917); e o terceiro, que se abriria com Além do Princípio do Prazer (1920 [1919]).

No presente trabalho, atenção especial foi dada ao segundo e ao terceiro momentos, sem que isso implique em um descrédito para com o restante da obra, visto que a partir daí, considerando os textos que foram publicados, nossa hipótese é que a preocupação de Freud parece voltar-se para o social. Uma melhor compreensão desta passagem, a nosso ver, implica em uma releitura de textos da metapsicologia freudiana à luz dos textos relativos à cultura.

Caminhando neste sentido, entre os textos metapsicológicos foram tomados: Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911), Sobre o narcisismo: uma introdução (1914a), Os instintos e suas vicissitudes (1915a), O recalque (1915b), O inconsciente (1915c), Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos (1917 [1915]a) e Luto e melancolia (1917 [1915]b), o que não quer dizer que outros textos não serão “visitados”.

Atenção especial também foi dispensada ao texto Além do princípio do prazer (1920 [1919]) por ser uma obra crucial na introdução da segunda tópica e também por demarcar a passagem de uma década à outra, ou seja, da década de 1910 para a década de 1920, além de ampliar conceitos antes solidificados, sendo também

submetida à nossa análise a obra *O Id e o ego* (1923), pelo estabelecimento da segunda tópica, conceituação teórica de suma importância na Psicanálise.

Quanto aos textos sociais foram analisados *Totem e tabu* (1913 [1912]), *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e, notadamente, *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]). Textos como *Aquisição e controle do fogo* (1932), *Por que a guerra?* (1933 [1932]) e *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-38]), que tratam também da questão cultural, serão apenas mencionados, dadas às limitações do presente estudo.

Não obstante, a preocupação de Freud com o social não é de hoje. Em *Atos obsessivos e práticas religiosas*, (1907), ele já demonstrava interesse pelo assunto o qual permeia toda sua obra, representando 40% de toda sua produção (ENRIQUEZ, 1999). Mas, ao mesmo tempo em que esteve sempre presente, parece que foi tratado superficialmente não estabelecendo postulados e conceitos que pudessem contribuir para uma melhor compreensão do comportamento social humano. Sua “obra social” apresenta-se, aparentemente, desvinculada da teoria e da prática psicanalítica. Ao mesmo tempo, acontecimentos de destaque como a Primeira Guerra Mundial, e toda a agressividade e destrutividade ali manifestadas, a difusão da teoria marxista da organização social e conseqüentemente o surgimento de partidos e governos comunistas erigidos sobre os novos princípios não poderiam e não foram negligenciados. Freud chegou até a discutir a questão da Primeira Guerra Mundial e o clima que antecedeu a Segunda em sua correspondência com Einstein, notadamente em *Por quê a guerra?* (ENRIQUEZ, 1999).

A partir dos anos 20, Freud se detém mais detalhadamente no social e dedica uma grande parte de seu trabalho a uma leitura da cultura, com a produção de obras de

destaque como *Psicologia de grupos e análise do ego*, *O futuro de uma ilusão*, *O mal-estar na civilização*, *Aquisição e controle do fogo*, *Por quê a guerra?* *Moisés e o monoteísmo* e outros, que receberam a merecida atenção de alguns analistas e comentadores somente após a década de sessenta.

Uma das possíveis razões para explicar esse fato é a superação (pelo menos em parte) do período em que se destacaram as “escolas”, quando a preocupação dos sucessores de Freud se relacionava mais com a prática clínica. Outra seria a própria ampliação da área de interesse pelos achados psicanalíticos demonstrados por outras áreas do conhecimento, e, ainda, uma “releitura” dos caminhos percorridos pelo fundador da Psicanálise. As reais razões não são de todo conhecidas.

Mas, com a referida teorização voltada para o social, Freud introduz conceitos de suma importância para o desenvolvimento da Psicanálise tais como pulsão de morte⁴, o conceito de superego e conseqüentemente da segunda tópica, que possibilitaram uma leitura psicanalítica da sociedade de forma mais consciente e elaborada.

Costa (1989) resumindo o pensamento de Moscovici afirma que:

A evolução da teoria psicanalítica do individual para o social corresponde a um processo de crescimento e maturação intelectual. O 'sócius' não é apêndice do indivíduo; o indivíduo é que foi o primeiro passo na direção do social. Se o valor da sociologia freudiana foi desprezado é porque ouve, até então uma apreciação por baixo da qualidade dessa produção. No momento em que Freud sai do limbo e alcança a aprovação científica, não há razão para se continuar achando que o que ele disse sobre o social é inferior ao que disse do individual. (COSTA, 1989, p. 60).

Para Enriquez (1999), Freud, ao publicar *Totem e tabu* (1913 [1912]), obra relativa à cultura consagrada, provoca um escândalo comparável ao verificado quando

⁴ Considerando que o presente foi estabelecido a partir de obras que utilizam o conceito de *trieb* como pulsão e instinto, eles não serão aqui diferenciados.

da publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900) e apresenta de forma mais sistematizada o que viria a ser o advento do social em sua obra.

Costa (1989), ao comentar *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), alerta para a importância de não reduzir sua análise aos aspectos ideológicos, valorizando apenas o que concerne ao problema da identificação, mas ampliando os sentidos da definição:

[...] as observações sociais que nesse trabalho, são sem dúvidas, as mais importantes que ele fez ao longo de sua obra. Mas de forma alguma podem ser válidas e extensíveis ao social como um todo, nem em sua gênese, nem em seu funcionamento. Freud observou um certo tipo de funcionamento social, descreveu-o e procurou explicá-lo, mas de olho em suas preocupações metapsicológicas (COSTA, 1989, p. 72).

Qual era de fato a pretensão de Freud? Quando Costa fala “[...] de olho em suas preocupações metapsicológicas”, a que ele se refere? Ao nosso ver o autor está dizendo que ele partiu de sua metapsicologia para explicar o social, ou seja, ele partiu da explicação do individual rumo a uma explicação da organização social humana. Mas os textos consultados não são conclusivos; controvérsias existiam, e continuam existindo (ASSOUN, 1996; COSTA, 1989; ENRIQUEZ, 1999; GARCIA-ROZA, 2000a; 2000b; MONZANI, 1989).

Dando seqüência à discussão da questão, convém citar Enriquez (1999) quando, ao analisar a obra *Totem e tabu* ele afirma:

Não é sem razão que muitos psicanalistas ortodoxos tiveram e têm tendência a rejeitar a obra sociológica freudiana e considerá-la como indigna ou mesmo extravagante. Eles não viam em que ela poderia ser útil ao tratamento de seus pacientes, e quando refletiam sobre sua pertinência, inquietavam-se ao pensar nas possíveis implicações de tais idéias. Na verdade, essa obra marca não apenas uma descentralização do olhar do analista (até então centrado no indivíduo), em direção ao ‘socius’, mas principalmente o aparecimento de uma teoria radicalmente pessimista, fazendo a humanidade nascer de um crime cometido em conjunto, crime do qual a humanidade não pode jamais se liberar (ENRIQUEZ, 1999, p. 29).

Figueiredo entende que a obra de Freud tenha sofrido influências de diversos segmentos, o que dificulta uma leitura linear do problema, afirma ele: “[...] a obra de Freud é tributária de diversas tradições. Há tradições filológicas, teológicas, místicas (realçadas pela aproximação da Psicanálise com a hermenêutica e com a lingüística) e as tradições científicas, que são as mais explicitadas” (FIGUEIREDO, 1991, p. 95).

A relação cultura e Psicanálise, por exemplo, continua bastante atual, a ponto de autores contemporâneos, alheios à área, continuarem discutindo o tema e apresentando argumentação necessária à discussão do futuro da humanidade, assim como da contextualização da questão cultural.

Baumann (1998) discorre sobre O mal-estar na civilização, o tomando como um texto moderno e, parafraseando Freud publica O mal-estar na pós-modernidade, onde aplica os achados de Freud numa leitura social dos tempos atuais.

Roth et al. (2004) organizou uma obra em comemoração aos cem anos da publicação de A interpretação dos sonhos (1900), denominada Freud: conflito e cultura, em que diversos contemporâneos, de diferentes áreas se debruçam sobre o trabalho de Freud, demonstrando que a teoria freudiana e o pensamento psicanalítico continuam a instigar, provocar polêmicas e despertar interesses.

Said (2004), utilizando impressionante gama de referência da literatura, arqueologia e teoria social, faz uma brilhante análise sobre Moisés e o monoteísmo.

Portanto, ao justificar o presente estudo, o valor heurístico da Psicanálise e as obras dela decorrentes, são estratégica e momentaneamente colocados à parte para não contagiar nosso propósito, sendo, portanto, conveniente perguntar: o que ainda nos reserva os textos sociais de Freud? Onde começa, de fato, sua preocupação com a cultura, e quais são seus pressupostos? Qual a importância dos textos

metapsicológicos para melhor compreensão do mal-estar que avassala a cultura contemporânea? São questões que por mais discutidas que estejam, apresentam-se ainda abertas (não respondidas), merecendo maior atenção de estudiosos do tema e também o nosso.

Ainda no sentido de justificar a realização desse estudo, não pode ficar sem a devida consideração, o fato de Freud dedicar seus últimos e sofridos anos a uma releitura de sua obra e à produção de seus textos sociais. Apesar de seus esforços, mesmo assim, permaneceram lacunas e pontos obscuros que dificultam o entendimento da obra como um todo. Pode-se afirmar que os textos sociais de Freud não mereceram de seus seguidores, e da sociedade em geral, a devida atenção, constituindo-se numa lacuna, seja pelo caráter especulativo dos textos, seja pela densidade do material, ou ainda, pelo interesse demasiadamente clínico dos sucessores, que se ocuparam mais da prática.

Não obstante aos argumentos antes apresentados, os textos metapsicológicos (1915-1917) representam um momento de síntese teórica da Psicanálise de Freud, levado a termo após as primeiras dissidências, mais especificamente após o rompimento com seus discípulos mais famosos: Adler e Jung. Como resposta a este momento crítico, alguns teóricos levantam a hipótese de que Freud planejava publicar doze artigos metapsicológicos, dos quais cinco foram apresentados ao público. Quanto aos demais, não existe consenso se foram escritos e destruídos ou se não foram escritos. Certo é que não chegaram ao público; mas o próprio editor da Edição Standard das Obras Psicológicas de Freud discutiu o assunto no preâmbulo aos artigos de metapsicologia de (1915-1917), sendo que dentre os brasileiros que discutem esse

assunto encontra-se Garcia-Roza (2001), reconhecido comentador de Freud, cabendo um certo crédito a hipótese.

1.1. A Escolha da Metodologia de Trabalho

Considerando que os textos metapsicológicos de Freud representantes de um momento de síntese da Psicanálise, como acima relatado, e que em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907) ele já levava a público sua atenção para com o social, mostra-se oportuno investigar se existe, de fato, uma articulação teórica entre esses dois momentos de sua produção: metapsicologia e textos sociais, visando, dentre outras coisas, explicar o mal-estar experimentado pela cultura contemporânea.

Mas, ao nos propor investigar a articulação entre a metapsicologia e os textos sociais na obra de Freud, qual caminho seguir? Nesta trajetória é importante não negligenciar rastros, nuances, pistas e detalhes por menores que sejam. A consciência é de suma importância. Segundo Ricoeur (1978, p. 94) depois da descoberta do inconsciente "[...] a consciência não é a origem, mas a tarefa".

Sendo assim, convém questionar qual o método de investigação a adotar? O método indiciário de Moreli apresenta-se como uma alternativa viável. Desenvolvido com o objetivo de reconhecer a autenticidade de obras de arte, o método de Moreli, diante de um quadro de autor desconhecido, faria uma cuidadosa análise das categorias pictóricas presentes, chegando a unidades significativas que permitiriam situar com grande grau de precisão a escola ou período a que este pertencia e

principalmente a intenção do autor, uma vez que as características essenciais da obra seriam colocadas em evidência (GINZBURG, 1989).

O próprio Freud, em *Moisés de Michelangelo* (1914b), reconhece a importância de Moreli, associando-o à Psicanálise, afirma ele:

[...] parece-me que seu método de investigação tem estreita ligação com a técnica da Psicanálise, que também está acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou inobservados, do monte de lixo, por assim dizer, de nossas observações (FREUD, 1914, p. 264-65).

Ginzburg ainda observa que:

[...] o método indiciário emergiu no âmbito das ciências humanas como modelo epistemológico em surdina, sem receber muita atenção e sua análise "amplamente operante de fato, ainda que não teorizada explicitamente" e talvez ajude a sair da contraposição entre racionalismo e o irracionalismo (GINZBURG, 1989, p.143).

Mediante todas as características, vantagens e considerações colocadas, resta ainda uma questão: pode ser um paradigma indiciário rigoroso? O próprio Ginzburg responde a essa questão afirmando que:

A orientação quantitativa e antropocêntrica das ciências da natureza, a partir de Galileu, colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir o estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. Só a lingüística conseguiu no decorrer desse século subtrair-se a esse dilema, por isso pondo-se como modelo, mais ou menos atingido, também para outras disciplinas (GINZBURG, 1989, p.178).

No decorrer do presente estudo os textos de Freud foram tomados como se fora um discurso, aplicando-lhes o método indiciário ou semiótico, na busca minuciosa de nuances, detalhes, rastros, sombras, que levem aos fundamentos que os sustentam, implicando na possibilidade de melhor compreensão da obra como um todo, visto que a

lingüística tornou-se um modelo e uma exceção a serem perseguidos. O risco será assumido.

Não obstante, existem também antecedentes pessoais que justificam a escolha do objeto de estudo. Considerando nosso contato prévio com a teoria, técnica e prática clínica e, ainda, em função de nosso interesse pela cultura e movimentos sociais nosso objeto de estudo foi escolhido.

Ao levar a termo nossa empresa, primeiro foram consultadas fontes bibliográficas relativas às obras sociais de Freud, evitando que detalhes passassem despercebidos quando da consulta aos textos de Freud. Depois, o critério de leitura da obra freudiana foi o cronológico, ou seja, partir do Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]), partindo necessariamente pela metapsicologia, rumo a Moisés e o monoteísmo (1939 [1934-38]), mas atenção especial foi dada à obra O mal-estar na civilização (1930 [1929]), a qual se tornou o referencial em nossa busca e comparação entre metapsicologia e textos sociais, pela aparente mudança de postura do próprio autor, que se mostra bastante pessimista com os desígnios da humanidade.

Após estabelecer o “caminho” a ser percorrido na realização desse estudo, convém operacionalizar alguns termos e conceitos utilizados, tendo como suportes os vocabulários de Laplanche e Pontalis (1986) e o dicionário enciclopédico de Psicanálise organizado por Kaufmann (1996). Esses dois trabalhos foram mais que obras de referência, justificando serem referenciados em decorrência de suas aceitações entre o público especializado. Eles, na verdade, se tornaram um “porto seguro para aqueles que caminham por águas turvas”.

Iniciando a tarefa, no consagrado léxico de Laplanche e Pontalis (1986) não foi encontrado o verbete cultura, nem tampouco dados diretos relativos especificamente aos textos sociais de Freud, mas metapsicologia é entendida pelos autores como:

Termo criado por Freud para designar a Psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceptuais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalçamento, etc. A metapsicologia toma em consideração três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986).

Para Kaufmann (1996), após o rompimento com Fliess, Freud diminuiu o uso do termo só o retomando no texto Psicologia da vida quotidiana (1901). No entanto, quando do início da Primeira Guerra Mundial, já sexagenário e rompido com Adler e Jung, ele se propõe a escrever uma síntese de suas concepções psicológicas de forma mais profunda e o termo é novamente colocado em evidência.

Ainda segundo o mencionado autor, a partir deste momento a palavra passa a ter para Freud uma tríplice acepção:

[...] de maneira bastante vaga, é um qualificativo que lhe serve para reunir suas hipóteses e especulações, desde que as considere pelo menos como constituindo um sistema; de maneira mais precisa, a palavra designa nesse momento uma série de textos que ele se propõe escrever em 1915, agrupando-os sob esse título; finalmente o adjetivo “metapsicológico” designa toda descrição de um processo mental segundo as três dimensões identificadas como: dinâmica, tópica e econômica (KAUFMANN, 1996, p. 338-339).

Ele discorda de comentadores e biógrafos de Freud quanto à produção de outros textos metapsicológicos, além dos cinco que são de conhecimento público. Para ele o projeto metapsicológico ficou de fato inacabado e o assunto, de forma indireta, foi apresentado e discutido por meio de outros textos freudianos. Discute o tema metapsicológico como um trabalho fadado ao inacabamento, visto que a preocupação

de Freud era inscrever a Psicanálise no paradigma clássico da cientificidade, o qual carecia de uma apresentação conceitual mais completa. Passada essa preocupação parece que não fazia mais sentido em dar seqüência ao projeto, mesmo que o tema continuasse objeto de tensão na Psicanálise (KAUFMANN, 1996).

Kaufmann (1996) destaca ainda a controvertida questão da cultura na obra de Freud, quando discute a relação da Psicanálise com os campos de investigação, apresentando, inclusive, um verbete específico para a relação Psicanálise e Sociologia. Insere em sua obra também outros verbetes em que discute a relação da Psicanálise com diversas manifestações culturais como cinema, dança, literatura, música e teatro. Dado os limites de nossa discussão apenas a relação Psicanálise e Sociologia será aqui comentada.

O referido verbete (Psicanálise e Sociologia) foi escrito por B. Valade atendo mais à Sociologia como uma área do saber e não no sentido de civilização ou cultura, conforme retratado nos textos de Freud. O autor faz referência a um artigo publicado por Freud (1913), intitulado, O Interesse científico da Psicanálise, em que é discutida a relação da Psicanálise com a Sociologia, mas toma a Sociologia ora como Psicologia Aplicada, ora como Metapsicologia, articulando-a a alguns textos de Freud sem, contudo, levar a correlação à exaustão. A questão da gênese do vínculo social é abordada, tendo como referência as obras *Totem e tabu*, *Psicologia de grupos e análise do ego* e *O mal-estar na civilização*, assim como o problema da subjetividade. Como se trata de uma obra de referência a relação estabelecida é superficial deixando a desejar aos nossos propósitos (LAVADE, 1996).

Frente à carência de uma melhor definição dos termos cultura e/ou civilização em Freud, recorreu-se novamente a Kaufmann, que nos apresenta uma alternativa no

texto onde afirma que: “[...] se Freud não separa civilização e cultura, é porque a solidariedade entre estas duas noções revela a própria constituição das organizações sociais, que decorre da superação das condições de vida animal” (KAUFMANN, apud ENRIQUEZ, 1999, p. 83), implicando na decisão de postergar a discussão do tema para outro capítulo, quando da análise das obras de Freud que tratam especificamente da questão, quando da discussão de *O futuro de uma ilusão* (1927), obra em que se encontra a passagem onde o próprio Freud se nega explicitamente a diferenciar cultura de civilização.

Após essa breve introdução ao nosso objeto de estudo, convém apresentar ao leitor uma visão sucinta desse trabalho, destacando os temas que foram discutidos em cada capítulo como forma de instigá-lo a seguir nossa caminhada, ou dissuadi-lo de tal sacrifício.

No capítulo dois (o primeiro capítulo corresponde à introdução) foram abordados os antecedentes metapsicológicos de Freud, notadamente, os relativos à importância depositada na passagem do Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]) à *A interpretação dos sonhos* (1900). Atenção especial foi dedicada à introdução do conceito de inconsciente e, conseqüentemente, à primeira tópica, como condição necessária para o entendimento do aparelho psíquico e, também, ao conceito de sublimação que foi proposto em 1904 e pouco modificado no decorrer dos anos, mas está diretamente relacionado aos destinos da pulsão.

O capítulo três foi dedicado ao rastreamento do social nos textos metapsicológicos propriamente ditos, ou seja, à teorização de 1910-1920, cabendo destaque o cuidado dispensado às obras freudianas publicadas em 1914-1915 e 1920 [1919] e 1923, mais especificamente à consolidação teórica do aparelho psíquico, por

meio dos conceitos de inconsciente, recalque e dos caminhos das pulsões, a importância da teorização da década de vinte, com a introdução da noção de agressividade, identificação, pulsão de morte, superego e, conseqüentemente, da segunda tópica.

Os textos sociais de Freud, publicados na década de dez (FREUD, 1915; 1917) foram cotejados com a produção metapsicológica da década posterior no capítulo quatro, visando comprovar nossa hipótese básica de trabalho, momento em que o método indiciário será fundamental ao bom andamento do estudo. Destaques foram dados ao impacto da publicação de O mal-estar na civilização (1930 [1929]) e à recusa de grande parte dos seguidores e/ou comentadores de Freud, quanto à introdução do conceito de pulsão de morte no léxico psicanalítico, conceito essencial a uma releitura plausível dos textos sociais de Freud, tomados por alguns autores como um elo perdido na articulação teoria-clínica (MOSCOVICI, 1994).

No capítulo cinco, e último, foram tecidas nossas considerações finais, depois de retomado o problema, e discutidos os objetivos e as hipóteses de trabalho, chegando, em decorrência dessa caminhada, à confirmação ou refutação de nossas conjecturas, procedimento esse condição *sine qua non* para avaliar o sucesso de nossa empreitada.

Portanto, que a ousadia de nossa empresa desperte o interesse e a paciência do provável leitor para os próximos passos de nossa jornada.

2. ANTECEDENTES METAPSICOLÓGICOS NA OBRA DE FREUD

E agora, afastemos os fatos, pois estes não podem ser tomados por marcos nas estradas – esquecidas e perdidas.

Rousseau⁵

A fundamentação teórica foi um ponto nevrálgico na consolidação da Psicanálise, visto que Freud pretendia fundar uma ciência nova sem se afastar do conceito de ciência natural, ou seja, dos padrões científicos vigentes naquela época. Sua aproximação com a parte especulativa, leia-se Filosofia e Psicologia, sempre gerou muita ambivalência, algo esperado no desenvolvimento do pensamento humano (ASSOUN, 1996; GARCIA-ROZA, 1999; 2000a; 2000b; 2001; MONZANI, 1989).

Não obstante, os recursos disponibilizados pela ciência médica oitocentista não eram suficientes para explicar o psiquismo, e Freud precisava de apoio para enfrentar as resistências às suas teses, dando seqüência ao seu projeto. Para tanto, na falta de melhor termo, recorria aos termos de domínio público, denominando com eles seus

⁵ ROUSSEAU, J. apud KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 731.

conceitos fundamentais. A predileção pelas produções culturais aparece em praticamente toda sua vida e obra, sendo uma provável explicação para o uso de termos como complexo de Édipo, por exemplo, e muitos outros, o que acabou gerando algumas contradições: ora o conceito era tomado em seu sentido proposto pela Psicanálise, ora no sentido popular, ou seja, emprestado de outra área do saber. Esse fato, ao mesmo tempo em que contribuiu para a popularização da Psicanálise, também possibilitou uma leitura “selvagem” de sua teoria. Frente à necessidade de descrever os fundamentos básicos para explicar o funcionamento do aparelho psíquico, as resistências pessoais foram sendo paulatinamente vencidas a ponto de Freud propor, em 1895, o Projeto para uma psicologia científica, obra esta entendida por grande parte de seus comentadores como o protótipo da Psicanálise (GARCIA-ROZA, 2001; MONZANI, 1991).

Na mencionada obra, dentre outros aspectos, foi proposto um modelo de funcionamento do aparelho psíquico, em que ele era explicado em função da quantificação da energia psíquica e suas vinculações neurológicas, fundamentadas segundo bases anatômicas. Portanto, nosso próximo passo foi analisar a importância depositada na passagem do Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]) à A interpretação dos sonhos (1900), conforme anteriormente antecipado.

O Projeto se constitui numa primeira tentativa de Freud de teorizar sobre o funcionamento do aparelho psíquico, quando o autor ainda se encontrava mais próximo da medicina, ou seja, quando sua proposta era elaborar uma explicação do aparelho psíquico destinada aos neurologistas e fisiologistas, no entanto, só mais tarde ela foi desenvolvida, culminando na publicação da A interpretação dos sonhos (1900), a qual

trazia a introdução de uma proposta de estrutura para o aparelho psíquico, ou seja, a primeira tópica.

Parece oportuno esclarecer o que se entende por tópica, e, para tanto, será apresentada a definição de Laplanche e Pontalis:

Teoria ou ponto de vista que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico num certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns relativamente aos outros, o que permite considera-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente. Fala-se corretamente de duas tópicas freudianas, sendo a primeira aquela em que a distinção principal é feita entre inconsciente, pré-consciente e consciente, e a segunda a que distingue três instâncias: o id, o ego e o superego (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 656).

Por um lado, o conceito de tópica abre margem para uma discussão mais ampla do aparelho psíquico, o que foi evitado em decorrência das limitações e objetivos do presente trabalho, mas por outro lado estabelece uma base conceitual de essencial importância ao desenvolvimento da Psicanálise, fazendo menção à concepção de aparelho psíquico, energia psíquica e seus mecanismos de funcionamento, cabendo aqui, portanto, algumas considerações de nossa parte.

Segundo Laplanche e Pontalis, (1986), para Freud (1900) o aparelho psíquico sugere a idéia de certa organização interna, em que está prevista a coexistência das diferentes instâncias que o compõem (consciente, pré-consciente, inconsciente). Ele o concebe com um aparelho reflexo, sendo o processo reflexo seu modelo de funcionamento. A função do aparelho psíquico seria manter ao nível mais baixo possível a energia interna do organismo, portanto, o aparelho psíquico para Freud teria o valor de um modelo, concebido conforme os modelos propostos pela óptica.

Kaufmann (1996) concorda que o aparelho pressupõe a idéia de localização, de funcionamento mecânico, e que o aparelho psíquico está ligado à representação de

algo que não se faz representar por si só, ou seja, ele possibilita a manifestação de conteúdos internos que sozinhos não teriam representação. Falando de outra forma os conteúdos inconscientes necessitam de um recurso adicional para se representar, eles precisam de um aparelho para trazer à tona conteúdos latentes. Essa noção de aparelho, na verdade, antecede àquela proposta em *A interpretação dos sonhos*, cabendo um adendo no sentido de destacar seus primórdios.

Considerando esse pormenor, convém retomar a importância concedida ao Projeto, texto onde Freud começa a discutir o funcionamento do aparelho psíquico, sendo uma das polêmicas saber se ele (o projeto) deveria ser considerado apenas como uma obra histórica ou como obra psicanalítica.

Para Garcia-Roza (2001, p. 81) ele tem importância fundamental no desenvolvimento da Psicanálise, mas “[...] O Projeto não é, portanto, uma tentativa de explicação do funcionamento do aparelho psíquico em base anatômica, mas, ao contrário, implica uma recusa da anatomia e da neurologia da época, e a conseqüente elaboração de uma metapsicologia”.

Sendo assim, pode-se considerá-lo como uma primeira tentativa de Freud de estabelecer uma explicação teórica de funcionamento do psiquismo, segundo uma concepção quantitativa dos processos psíquicos e as noções de soma de excitação, quantidade de excitação, cota de afeto e somação, aliando sua importância histórica à importância teórica. As primeiras noções dos conceitos de energia psíquica, lei da constância, processos psíquicos primários e secundários foram estabelecidas nesta obra.

O que tudo isso tem a ver com nosso objeto de estudo? Além de estabelecer os alicerces da Psicanálise, a partir desta obra Freud começa a se aproximar da

Psicologia, afastando-se de uma leitura meramente neurológica (ciências naturais), conseqüentemente, com esta mudança de paradigma, pode abrir margem para uma compreensão das razões que levaram o homem a se organizar socialmente. E, ainda, não há como construir uma casa sem estabelecer seus alicerces. Portanto, esse fato não pode ser afastado, nossa retomada histórica é mais que uma questão estilística, ela é necessária.

Dando um passo adiante em nossa retrospectiva, A interpretação dos sonhos teve o grande mérito de “apresentar” ao mundo os primórdios da Psicanálise, visto que os textos anteriores de Freud não haviam despertado o interesse da classe médica e nem do grande público. Parece, ao nosso ver, que com este trabalho Freud confirma seu afastamento de uma leitura do aparelho psíquico baseada nas ciências naturais, aproximando, cada vez mais, de uma leitura psicológica do funcionamento psíquico. A aceitação da obra foi bem maior que as anteriores, mas o mérito principal do texto foi o estabelecimento de uma primeira versão do funcionamento do aparelho psíquico, estruturada em princípios psicológicos qual seja: nos sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente.

O entendimento do modo de funcionar destes sistemas remonta à atenção de Freud para com o aparelho de linguagem, ou seja, aos mecanismos de funcionamento da memória, prevendo a localização de seus conteúdos e modos de funcionamento; algo discutido publicamente, um pouco antes, em Sobre as afasias (FREUD, 1891), cuja obra foi comentada concomitantemente à definição dos referidos sistemas.

Sendo assim, antes de dar seqüência à importância destes postulados, convém esclarecer o que é cada um desses sistemas, começando por definir consciência em diferentes acepções (sistema Pcs-Cs):

A) - No sentido descritivo: qualidade momentânea que caracteriza as percepções externas e internas no meio do conjunto dos fenômenos psíquicos.
B) - Segundo a teoria metapsicológica de Freud, a consciência seria função de um sistema, o sistema percepção-consciência (Pc-Cs). Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico, recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do interior, isto é as sensações que se inscrevem na função série desprazer-prazer e as revivescências mnésicas. Muitas vezes Freud liga a função percepção-consciência ao sistema pré-consciente, então designado como sistema pré-consciente-consciente (Pcs-Cs). Do ponto de vista funcional, o sistema percepção-consciência opõe-se aos sistemas de traços mnésicos que são o inconsciente e o pré-consciente: nele não se inscreve qualquer traço durável das excitações. Do ponto de vista econômico, caracteriza-se pelo facto de dispor de uma energia livremente móvel, susceptível de sobreinvestir este ou aquele elemento (mecanismo de atenção). A consciência desempenha um papel importante na dinâmica do conflito (evitação consciente do desagradável, regulação mais discriminadora do princípio de prazer) e do tratamento (função e limite da tomada de consciência), mas não pode ser definida como um dos pólos em jogo no conflito defensivo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 135).

A definição apresentada interessa-nos particularmente quando estabelece a diferenciação entre o conceito reflexivo de consciência proposto pela Filosofia e Psicologia (A) e conceito metapsicológico apresentado por Freud (B), sem, contudo explorar toda sua abrangência e desdobramentos, visto que nossa proposta é outra e nossas razões para o corte já foram antes explicadas.

Pela definição apresentada, no sentido metapsicológico, fica clara a vinculação do conceito com o mundo externo e interno, por meio do sistema percepção-consciência, e sua localização na periferia do aparelho psíquico, concepção associada à hipótese de que “As grandes regiões do espírito correspondem às grandes regiões do cérebro” (FREUD, apud KAUFMANN, 1996, p. 46), discutidas no estudo de Freud Sobre afasias (1891). Vale ainda ressaltar que a consciência possibilita ao homem uma relação direta com o mundo externo, contribuindo no estabelecimento e desenvolvimento da razão, fato que será mais bem explorado no presente trabalho quando da discussão dos textos da década de vinte.

Continuando a operacionalizar os sistemas propostos por Freud na primeira tópica, é oportuno apresentar a definição do sistema pré-consciente:

Termo utilizado por Freud no quadro da sua primeira tópica: como substantivo, designa um sistema do aparelho psíquico nitidamente distinto do sistema inconsciente (Ics); como adjetivo, qualifica as operações e conteúdos desse sistema pré-consciente (Pcs). Estes não estão presentes no campo atual da consciência, e, portanto são inconscientes no sentido 'descritivo' do termo, mas permanecem de direito acessíveis à consciência (conhecimentos e recordações não atualizados, por exemplo). Do ponto de vista metapsicológico, o sistema pré-consciente rege-se pelo processo secundário. Está separado do sistema inconsciente pela censura, que não permite que os conteúdos e os processos inconscientes passem para o Pcs sem sofrerem transformações [...] (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 447).

Na definição do termo os autores discorrem sobre o sistema pré-consciente o diferenciando dos sistemas conscientes e inconscientes, mas nos interessa particularmente quando o tomam como instância, pois apresentam dados relativos ao seu funcionamento, o que parece facilitar o entendimento das pessoas não acostumadas com a terminologia psicanalítica e o diferencia de acepções que até então correntes no pensamento da época.

Fechando a definição dos sistemas da primeira tópica, a seguir será apresentado o sistema inconsciente, o qual nos reserva um desafio maior dada a contundência do conceito e as repercussões no mundo consciencialista. Sendo assim, mais uma vez, recorrer-se-á ao léxico de Laplanche e Pontalis, para que não haja dúvida quanto à concepção freudiana do termo. Eles definem inconsciente em três acepções (Ics.):

A) – O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência, isto num sentido descritivo e não tópico, quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente. B) – No sentido tópico, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico; é constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalçamento. Podemos reunir do seguinte modo as características essenciais do inconsciente como sistema (Ics): a) – Os seus conteúdos são representantes das pulsões; b) – Estes conteúdos são regidos pelos

mecanismos específicos do processo primário, nomeadamente a condensação e o deslocamento; c) – Fortemente investidos pela energia pulsional, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recaiado); mas não podem ter acesso ao sistema Pcs-Cs senão nas formações de compromisso, depois de terem sido submetidos às deformações da censura. A abreviatura lcs designa o inconsciente enquanto qualifica em sentido estrito os conteúdos do referido sistema [...] (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 306).

Nos interessa diretamente o sentido típico do conceito, cabendo ressaltar a importância de termos como condensação e deslocamento, amplamente discutidos e aplicados por Freud na interpretação de sonhos. Com A interpretação dos sonhos Freud ultrapassa seu tempo e traz à discussão científica um objeto antes negligenciado: o inconsciente. Por meio do desenvolvimento de um método consistente e rigoroso Freud ampliou os horizontes do saber humano, possibilitando uma leitura dos sonhos, mas, além disso, mostrou que não se pode tomar a consciência como uma verdade incontestável, sendo ela tão questionável quanto o próprio sistema inconsciente “[...] a questão da consciência é tão obscura quanto a questão do inconsciente” (RICOEUR, apud JAPIASSU, 1982b, 196). Japiassu discorre sobre a questão afirmando que:

Incontestavelmente, Freud foi o primeiro prático da experiência analítica a fazer uso de um método rigoroso. Sua análise do sonho consegue definir uma primeira prática operatória e revela a existência de um ‘conteúdo latente’, mesmo ao nível do sonho e de suas representações (JAPIASSU, 1982b, 192).

Quanto ao método interpretativo desenvolvido por Freud “[...] faz ressaltar, a partir do relato feito pelo sonhador, o sentido tal qual ele se formula no conteúdo latente a que conduzem as associações livres. O objetivo último da interpretação é o desejo inconsciente e o fantasma em que este toma corpo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 318).

Ainda segundo esses mesmos autores a interpretação pode ser entendida de duas formas:

A) – Destaque pela investigação analítica do sentido latente existente nas palavras e nos comportamentos de um indivíduo. A interpretação traz à luz as modalidades do conflito defensivo e, em última análise, tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção do inconsciente. B) – No tratamento, comunicação feita ao indivíduo e procurando fazê-lo aceder a esse sentido latente, segundo as regras determinadas pela direção e a evolução do tratamento (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 319).

As duas formulações estão diretamente relacionadas, mas os autores desafiam nosso interesse quando explicitam características do método interpretativo, como recurso para trazer à tona conteúdos latentes presentes no psiquismo, ou seja, tornar consciente algo que é da ordem do inconsciente.

Os dados até agora expostos, assim como a produção psicanalítica, podem ser questionados por alguns quanto ao seu caráter simbólico e a falta de rigor científico, mas:

Afirmar que o aparelho psíquico concebido por Freud é um aparelho simbólico significa afirmar que o simbólico é o que funda esse aparelho e não o que resulta do funcionamento do aparelho; significa também que não é o estatuto psicológico das representações o que faz desse aparelho um aparelho, mas sim sua natureza simbólica. Uma *vorstellung*, muito mais do que uma entidade psicológica é uma entidade simbólica, ou, se preferirmos, o psicológico em Freud é simbólico (GARCIA-ROZA, 2000a, p.156).

Mesmo sendo o aparelho psíquico intangível, ou seja, mesmo não estando sujeito aos métodos de observação propostos pelo Positivismo, sua propositura parte de dados irrefutáveis e inaugura uma nova concepção de psiquismo (JAPIASSU, 1982a).

Superado esse impasse, vale ressaltar que depois da publicação das obras de Freud, A interpretação dos sonhos (1900) e Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1904), a Psicanálise foi gradativamente contando com maior aceitação pública e, conseqüentemente, tornou-se um movimento que a cada dia ganhava

adeptos. Parece dispensável dizer que a popularidade da Psicanálise seja também decorrente dos resultados alcançados pela clínica psicanalítica.

Ainda no que concerne à publicação da obra *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1904), a qual não foi aqui ainda analisada pormenorizadamente, voltou a revolucionar a produção do conhecimento com a introdução do conceito de sexualidade infantil. A princípio as hipóteses e conceitos propostos por Freud na obra foram contestados e rejeitados, mas paulatinamente foram sendo comprovados e aceitos pelo meio científico, senão por todo, pelo menos por parte dele.

Nessa obra Freud desenvolveu, como forma de explicar o funcionamento do aparelho psíquico, o conceito de sublimação, conceito este de fundamental importância em nossa empreitada, pois por meio dele uma energia que é de ordem sexual pode ser deslocada para outra atividade, como a social, por exemplo.

Seguindo um procedimento adotado no desenvolvimento do presente estudo, para que não paire dúvidas sobre a definição de um conceito tão caro à Psicanálise e ao nosso trabalho, a seguir será apresentada a definição que Laplanche e Pontalis deram ao termo sublimação:

Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividade de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual ou em que visa objetos socialmente valorizados (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 638).

Outro ponto de vista digno de nota é a posição defendida por Garcia-Roza (2000b, p.134) ao afirmar que “[...] A sublimação descreve algo que ocorre com a pulsão, mas é um processo que corresponde à libido de objeto, e o que se exige é que

o objeto seja socialmente valorizado. Um objeto sexual é permutado por outro, mais acessível e mais valorizado pelo social”. Sem entrar na questão da diferenciação da libido (libido do ego e libido do objeto), cabe destaque o suposto ganho social com o processo de sublimação.

Mas, uma consideração pertinente, a nosso ver, seria o fato de Freud recorrer ao conceito de sublimação para justificar o investimento libidinal em um objeto socialmente aceito, mas sem, contudo, explicar como se estruturam os seus mecanismos internos. O conceito de sublimação foi introduzido e pouco modificou no decorrer da obra freudiana, mesmo na grande teorização de 1914/1915. Alguns autores afirmam que um dos supostos textos metapsicológicos extraviados seria sobre a sublimação (GARCIA-ROZA, 2000a), opinião partilhada com o próprio editor inglês da coleção standard das obras psicológicas completas de Freud (1980); mas, segundo Kaufmann, (1996), o termo continua um conceito que carece de maior esclarecimento, como forma de evitar dúvidas e uso indevido, o que não diminui sua importância no corpo teórico da obra psicanalítica.

Fazendo um corte cronológico e caminhando um pouco mais, pode-se afirmar que a Psicanálise continuou crescendo e seu crescimento se deu de tal maneira que no final da década de 1910 ela gozava de interesse científico e popularidade a ponto de Freud ser convidado a cruzar o Atlântico para proferir as famosas conferências na Universidade de Clark, nos Estados Unidos da América, inclusive acompanhado de alguns de seus discípulos (FREUD, 1914a).

Não obstante, alguns anos antes Freud publicou o texto *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), constituindo-se em sua primeira obra diretamente relacionada à questão do social. O artigo não traz grandes novidades, o grande mérito foi retomar o

estudo das neuroses obsessivas, abandonado após o afastamento de Breuer, cerca de dez anos antes e, abrir caminho para retratar mais abertamente a questão da cultura. Pode-se dizer que ele seja uma introdução, um balão de ensaio, para o lançamento de Totem e tabu e uma reverência para com Otto Rank e C. Abraham, que haviam publicado trabalhos sobre mitos naquela época. Nele Freud começa a discutir a questão da religiosidade, assunto que será retomado em diversos momentos de sua produção, inclusive em O futuro de uma ilusão (1927), texto a ser por nós analisado.

Um ano depois Freud volta a associar a clínica com a questão social quando publica Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908). Sobre a mencionada associação o próprio Freud comenta que:

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização (FREUD, 1908, p. 192).

Parece que neste artigo nosso rastreamento encontra o primeiro indício da articulação metapsicológica com o social, visto que Freud relaciona diretamente a supressão dos instintos com a organização social. A seguir ele discorre sobre a renúncia dos instintos como condição para produção social, ou seja, com a sublimação dos instintos torna-se possível a produção cultural, ou ainda, a organização social. Por ora são apenas indícios, mas é sabido que Freud retomou o assunto em outras oportunidades (FREUD, 1930 [1929]).

Corroborando nossa hipótese de trabalho, ainda no mesmo texto, Freud complementa seu comentário afirmando que “[...] Assim, grande parte das forças

suscetíveis de utilização em atividades culturais são obtidas pela supressão dos chamados elementos pervertidos da excitação sexual” (FREUD, 1908, p. 194).

Torna-se justificável abusar das referências ao texto e citar Freud em um trecho mais longo onde afirma que:

Considerando essa evolução do instinto sexual, podemos distinguir três estágios de civilização: um primeiro em que o instinto sexual pode manifestar-se livremente sem que sejam consideradas as metas de reprodução; um segundo em que tudo do instinto sexual é suprimido, exceto quando serve ao objetivo da reprodução; e um terceiro no qual só a reprodução legítima é admitida como meta sexual. A esse terceiro estágio corresponde a moral sexual ‘civilizada’ da atualidade (FREUD, 1908, p. 194).

A citação é insuficiente para confirmar nossa suposição de que Freud pretendia articular sua produção teórica com o social, mas os temas caminham lado a lado, parece que suplicando por uma abordagem que fosse além da estruturação psíquica, partindo do individual, rumo a uma leitura dos mecanismos de organização social, em que Freud pudesse falar dos desdobramentos deste caminho buscado pela pulsão na constituição do psiquismo, talvez, se pudesse falar em “inconsciente coletivo”, mas Freud não falou.

Logo após, ainda na mesma obra, Freud sintetiza o essencial deste artigo quando afirma que:

[...] O domínio do instinto pela sublimação, defletindo as forças instintuais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude (IBIDEM, p. 198).

Concluindo essa breve retomada da produção metapsicológica de Freud, antes de entrar propriamente nos textos objetos de nossa análise, vale ressaltar tal digressão, visto que sem a básica e canhestra síntese da teorização de Freud que antecede a

1910, seria impossível investigar nosso problema e caminhar rumo à realização de nossos objetivos.

3. RASTROS E NUANCES DO SOCIAL NA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

O inconsciente não se dá por inteiro, mas
não poupa nenhuma criação de pensamento.

Moscovici⁶

Esse capítulo foi dedicado a uma análise de grande parte da produção metapsicológica de Freud (1915-1917) e (1920 [1919] e (1923), sem, contudo, negligenciar a produção de textos sociais publicados nesta década como Totem e tabu, por exemplo, ou seja, nossa proposta de trabalho foi começar a busca de indícios do social em um momento crítico e rico como a síntese teórica verificada no mencionado período, contrapondo metapsicologia a textos sociais, característica própria de nosso método de investigação. Logo após foram analisados dois textos metapsicológicos da década de vinte (FREUD, 1920 [1919]; 1923), destacando notadamente a hipótese da pulsão de morte e a complementação da estrutura do aparelho psíquico proposta por Freud (segunda tópica).

⁶ MOSCOVICI, Marie. **A sombra do objeto**: sobre a inatualidade da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p.39.

Com o crescimento do movimento psicanalítico e as primeiras divergências públicas parece que Freud se viu frente à necessidade de melhor explicitar seus postulados, iniciando um período de grande produção metapsicológica. Vale dizer que após a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900), somente em 1915 ele voltou a falar, de forma mais contundente, sobre o assunto.

No entanto, não se pode falar que isso se deu de forma abrupta; em 1911, ele publicou *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, oportunidade em que torna pública sua preocupação com a metapsicologia psicanalítica, voltando sua atenção para os aspectos teóricos da Psicanálise, e três anos depois publica *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914b), obras essas que podem, no grosso modo, serem agregadas à síntese metapsicológica verificada nos anos seguintes (1915-1917).

O grande valor do artigo de 1911 está no fato de após aproximadamente 10 anos Freud voltar a teorizar sobre o funcionamento do aparelho psíquico. Ele retoma os princípios do prazer e da realidade, introduzidos pela literatura psicanalítica através do Projeto, revendo seus mecanismos de funcionamento. O próprio Freud o toma como um estudo preparatório, nas palavras do autor:

As deficiências deste breve artigo, que é mais preparatório que expositivo, serão talvez desculpadas, apenas em pequena parte, se eu alegar que são inevitáveis. Nestas poucas observações sobre as consequências psíquicas da adaptação ao princípio de realidade, fui obrigado a esboçar opiniões que, no momento, teria preferido reter e cuja justificação certamente exigirá esforço nada insignificante (FREUD, 1911, p. 286).

Considerando que o artigo seja preparatório, como Freud admite, cabe perguntar: ele preparava o quê? Certamente a síntese metapsicológica que se confirmaria a partir de 1914, principalmente entre 1915 e 1917. Freud pretendia algo

mais? Não se sabe. Talvez Freud estivesse falando também da publicação de Totem e tabu (1913 [1912]) que Gabbi Jr toma como um texto metapsicológico, que mesmo não se tendo encontrado respaldo entre outros comentadores de Freud para este posicionamento vale a pena ser citado:

Para muitos comentadores, Freud teria tentado de forma canhestra aplicar a psicanálise à análise antropológica. Nossa leitura parte de outro pressuposto. Segundo ele, estaríamos diante da primeira grande tentativa metapsicológica de responder a uma das questões mais fundamentais da investigação psicanalítica: qual a referência última que seria responsável pelos deslocamentos de sentido, presentes, por exemplo, em todas as neuropsicoses, em todas as fantasias? (GABBI JR, 1994, p.150).

O texto referenciado não resolve nosso problema, na verdade ele aumenta nossa dúvida, o que pode (em nosso caso) ser considerado um avanço, pois a pretensa articulação metapsicologia e textos sociais, às vezes, nem é admitida.

Por falar em mecanismos de funcionamento do aparelho psíquico, o que nos reserva o comentado artigo de Freud? Pode-se dizer que nele o autor amplia a teoria relativa aos mecanismos de funcionamento do aparelho psíquico, estabelecendo algumas condições para seu desenvolvimento, ou seja, volta a discorrer sobre os princípios de prazer e princípio de realidade, sendo que, segundo o autor, se realizaria da seguinte forma:

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, com todas as conseqüências psíquicas envolvidas aqui esquematicamente condensadas numa só frase, não se realiza, na verdade, de repente; tampouco se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nos instintos do ego, os instintos sexuais se desligam deles de maneira muito significativa [...] (FREUD, 1911, p. 282).

A necessidade de substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade à qual Freud se refere, implica num “amadurecimento psíquico” em que haja uma

sublimação dos instintos, sendo sua realização postergada para oportunamente ser, em parte, realizada segundo um mecanismo muito especial.

Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro (FREUD, 1911, p. 283).

A estratégia do psiquismo seria deslocar (e/ou condensar) estes instintos, como garantia de realização, ainda que parcial, e, para tanto, Freud aponta como caminhos viáveis à ciência, a educação e a arte (FREUD, 1911), ou seja, caminhos que impliquem necessariamente em uma forma de organização social para serem atingidos.

O texto Sobre o narcisismo: uma introdução (1914b) nos chamou a atenção em decorrência de sua importância metapsicológica, mas também por ser um artigo contemporâneo a Totem e tabu (1913 [1912]). Ele resume as primeiras discussões de Freud sobre o tema do narcisismo primário, considerando o lugar ocupado pelo mesmo no desenvolvimento sexual e penetrando também na questão das relações entre o ego e seus objetos. Parece que nessa obra Freud já antecipa a propositura da segunda tópica, assunto que não será aqui desenvolvido, mas abre margem para se falar sobre o ego em complementação à consciência, sendo conveniente citar o próprio Freud quando afirma que:

[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914b, p. 93).

Ao discutir os destinos da pulsão (ou instintos) em um período tão remoto de nossas infâncias Freud parece, com o texto, ampliar os mecanismos de funcionamento

do aparelho psíquico, destacando a importância de sua relação com o mundo interno e externo. Interessa-nos particularmente os primórdios da relação da criança com o mundo externo, ou seja, os primeiros passos do indivíduo rumo ao reconhecimento da necessidade da relação social, sem a qual o ser humano está fadado ao fracasso, sendo o indivíduo ameaçado em sua própria sobrevivência. Interessa-nos também os mecanismos das pulsões sexuais e de autoconservação, ligadas ou não ao objeto, visto neste momento parece que Freud abre caminho rumo aos textos metapsicológicos da década de vinte, essenciais à nossa análise.

Freud comenta, nesta obra, sobre os conceitos de ego ideal e o ideal de ego, sendo o primeiro ideal narcísico, de onipotência, forjado a partir do modelo de narcisismo infantil, e, o último, decorrente da convergência do narcisismo e das identificações com os pais, com seus substitutos e ideais coletivos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986), postulados de grande importância na compreensão do desenvolvimento da Psicologia Social, e, certamente, na organização social do homem.

O ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. Ele vincula não somente a libido narcísica de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual, que dessa forma retorna ao ego. A falta de satisfação que brota da não realização desse ideal libera a libido homossexual sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente esse sentimento de culpa era o temor da punição pelos pais, ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas (FREUD, 1914b, p. 119).

O referido panorama é um passo rumo ao social em Freud? A substituição da figura parental por um número indefinido de pessoas é uma condição necessária para a constituição do social? Parece-nos prematuro tirar conclusões, mas os conceitos de ego ideal e ideal de ego se mostram como um indício importante na constituição do social,

sendo, talvez, um indicativo de que Freud necessitasse explicar algo mais que o funcionamento psíquico individual, indício que será oportunamente perseguido no decorrer do presente estudo.

Até então nossa análise não pode contar com nada além de indícios, mas ao nos propor a procurar nos menores detalhes explicação para uma questão tão subjetiva, não era esperado nada promissor. A jornada continua, que venham os artigos metapsicológicos propriamente ditos!

Os artigos denominados metapsicológicos foram escritos em 1915, sendo Os instintos e suas vicissitudes, Repressão e O inconsciente publicados no mesmo ano, e Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos e Luto e melancolia levados a público dois anos depois (GARCIA-ROZA, 2000a).

Em Os instintos e suas vicissitudes (1915), ao descrever os instintos, identifica pressão, alvo, objeto e fonte, como componentes essenciais em sua caracterização. Logo após ele apresenta os possíveis destinos do instinto (ou pulsão), quais sejam: reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo, repressão e sublimação, incrementando a leitura do funcionamento do aparelho psíquico. Diz o autor que ao se referir à reversão ao seu oposto que:

Quando, durante a fase do narcisismo primário, o objeto faz sua aparição, segundo oposto ao amar, a saber, o odiar, atinge seu desenvolvimento. Como já vimos, o objeto é levado do mundo externo para o ego, a princípio, pelos instintos de autopreservação; não se pode negar que também o odiar, originalmente, caracterizou a relação entre o ego e o mundo externo alheio com os estímulos que introduz. A indiferença se enquadra como um caso especial de ódio ou desagrado, após ter aparecido inicialmente como sendo seu precursor [...] (FREUD, 1915a, p. 158).

Os instintos são da ordem do inconsciente, mas ao se manifestar estabelecem uma relação direta com o meio ambiente, fazendo com que a escolha de seu caminho

(inconsciente) seja influenciada pelos ditames sociais (pelo menos em parte), sob o risco de se verem frustrados. Se de fato assim ocorrer, não há como negligenciar a inter-relação mundo interno e externo, indivíduo e sociedade, sendo necessário explicar melhor a influência do social na estruturação do psiquismo:

O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas. Realmente, pode-se asseverar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se (FREUD, 1915a, p. 159-60).

Nosso propósito não é opor o inconsciente à consciência. Nesta época o lugar do inconsciente já estava consagrado na teoria psicanalítica, mas algumas peculiaridades exigiam “acabamento”, por exemplo, a agressividade. Freud discorre sobre a pulsão sexual x pulsão autopreservativas, mas podem os componentes agressivos da pulsão ter origem no ego, já que parte dela é inconsciente? Já que a pulsão pode se direcionar para o mundo externo, assim como retornar o para o mundo interno, a serviço de quem ele estaria nos casos de agressividade? Por ora as conclusões são prematuras. A discussão será adiada, retomada e ampliada no próximo capítulo, pois ela pode se mostrar intimamente ligada ao entendimento da organização social do homem, visto que após se observar acentuado desenvolvimento tecnológico a humanidade encontra-se vassala de um mal-estar contemporâneo, ou seja, nesta situação como ficaria a questão da dualidade pulsional?

Quando da análise do artigo Repressão (FREUD, 1915b), segundo nossa linha de raciocínio, desenvolvida até o presente momento, a repressão ou recalçamento dos instintos dar-se-ia em função das normas provenientes do meio ambiente (portanto,

externas ao aparelho psíquico), sendo conseqüentemente associada à cultura. Atendendos ao texto freudiano pode ser observado primeiramente que:

[...] é errado dar ênfase apenas à repulsão que atua a partir da direção do consciente sobre o que deve ser reprimido; igualmente importante é a atração exercida por aquilo que foi primeiramente repelido sobre tudo aquilo com que ele possa estabelecer uma ligação. Provavelmente, a tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repelido pelo consciente (FREUD, 1915b, 171).

O artigo é um dos mais importantes da teoria psicanalítica e sua leitura aumentou nossas dúvidas se mostrando mais como sombras que propriamente como rastros ou nuances de uma articulação da metapsicologia com os textos sociais de Freud. É de domínio popular um adágio que diz algo mais ou menos assim “Quando eu sabia todas as respostas acabaram-se as perguntas”. Muito se tem ainda a perguntar e responder. Mas é certo que nosso objetivo vai muito além da oposição dos sistemas Pcs-Cs e Ics. Pretende-se analisar como Freud, notadamente um gênio, transita por um caminho tão difícil e tortuoso, posto que estabelecido o inconsciente a consciência seja a tarefa.

Garcia-Roza (2000b) comentando sobre o recalcamiento (repressão) afirma que:

Se é verdadeiro que o recalcamiento é um processo interno ao sujeito, é também verdadeiro que este processo se dá em decorrência da censura, da lei enquanto algo que é externo ao sujeito. Contudo, há uma diferença notável entre o segundo no qual uma proibição se exerce de forma direta e consciente, e uma outra em que ela se faz através da interiorização da instância censora, e num nível inconsciente (GARCIA-ROZA, 2000B, p.165).

Logo depois, no mesmo texto referenciado de Freud afirma ele que:

[...] a repressão não impede que o representante instintual continue a existir no inconsciente, se organize ainda mais, dê origem a derivados, e estabeleça

ligações. Na verdade, a repressão só interfere na relação do representante instintual com o único sistema psíquico, a saber, o do consciente (FREUD, 1915b, p. 172).

Então, o que é reprimido é a representação e não os instintos (pulsão) em si. Os instintos inconscientes continuam exercendo pressão no sentido de se realizarem, e a norma social, estabelecida e introjetada continua a exercer o papel de censora, exigindo uma passagem de funcionamento do aparelho psíquico do princípio de prazer para o princípio de realidade; de processo primário para processo secundário, em que a lei e a razão continuam sendo essenciais. Freud continua falando da oposição dos instintos (Instintos sexuais x instintos de autopreservativos), energia vinculada a um objeto e energia desvinculada. Se a energia se liga a um objeto mantém-se a relação com o mundo externo. Parece que a sombra encobriu, mas não ocultou nossa visão! A função de censura e seu modo de funcionamento carecem de explicações mais convincentes.

O texto O inconsciente (1915c) caracteriza o que há de mais importante na teorização psicanalítica. Não há como pensar a Psicanálise sem se referir ao inconsciente. Sendo o ponto principal de uma mudança de paradigma ele foi fruto de muitas discórdias (e continua sendo), mas nesta obra Freud resolve muitas celeumas relativas ao conceito, sem deixar de considerar que:

Houve uma mudança sensível no conceito desde sua propositura em 1900 e o modo como ele é pensado hoje, que no artigo de 1915 Freud se preocupou com assinalar as diferenças entre o inconsciente tal como é concebido por ele e o inconsciente tal como era pensado pela filosofia e pela psicologia, e uma das formas de se marcar a diferença é apontando o que o inconsciente freudiano não é. Ele não é uma franja da consciência, assim como não é o lugar caótico e do misterioso. E Freud, com plena razão, está preocupado em assinalar essas diferenças e em afirmar a irredutibilidade do seu conceito às noções até então dominantes (GARCIA-ROZA, 2000b, p. 208-209).

Não obstante, analisando o texto de Freud, quando ele se refere às características especiais do sistema lcs. uma passagem se tornou uma sombra para nós, ou seja, quando o autor afirma que:

Os processos inconscientes se tornam cognoscíveis por nós sob as condições de sonho e neurose – vale dizer, quando os processos do sistema Pcs., mais elevado são levados de volta a uma fase anterior, a um nível mais baixo (pela regressão). Por si só não são percebidos; na realidade, são até mesmos incapazes de conduzir sua existência, pois o sistema lcs. se acha muito prematuramente sobrecarregado pelo Pcs. que ganhou acesso à consciência e à motilidade. A descarga do sistema lcs. passa à inervação somática, que leva ao desenvolvimento do afeto; mas mesmo esse caminho da descarga é, conforme já vimos, contestado pelo Pcs. Por si só, o sistema lcs. não seria capaz, em condições normais, de provocar quaisquer atos musculares adequados, à exceção dos já organizados como reflexos (FREUD, 1915c, p. 215).

O que seria mais elevado para Freud? A consciência? Como essa hierarquia seria processada no psiquismo? Freud se refere a um registro topográfico? O texto não esclarece, mas o editor inglês, em nota de rodapé, faz menção a um possível texto metapsicológico extraviado denominado Consciência como possibilidade de esclarecimento. Sendo assim, a passagem do individual para o social poderia ser esclarecida e sua função na constituição do psiquismo explicada. Vimos, voltando ao texto de Freud, logo abaixo, ele mesmo adia essa comparação:

Só poderíamos apreciar a importância total das características do sistema lcs. acima descritas, contrastando-as e comparando-as com as do sistema Pcs. Mas isso nos levaria para tão longe, que proponho que paremos mais uma vez e só empreendamos a comparação dos dois quando pudermos fazê-lo em relação com nossa apreciação do sistema mais elevado (FREUD, 1915c, p. 215).

Pode o inconsciente ser herdado (no sentido cultural e biológico)? Caso seja, seus conteúdos seriam sobremaneira influenciados pela cultura, assim como pelo biológico, visto que constituiriam o núcleo do inconsciente, conforme hipotetizado por Freud “[...] O conteúdo do lcs. pode ser comparado à presença de uma população

aborígene na mente. Se existem no ser humano formações mentais herdadas – algo análogo ao instinto nos animais –, elas constituem o núcleo do lcs”. (FREUD, 1915c, p. 223).

Ao avaliar o inconsciente Freud ainda afirma que:

O sistema lcs. contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema Pcs. ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no Pcs. Ora, também estamos em condições de declarar precisamente o que é que a repressão nega à representação rejeitada nas neuroses de transferência; o que ela nega à apresentação é a tradução em palavras que permanecerá ligada ao objeto (FREUD, 1915c, p. 230).

No breve trecho do texto freudiano, parece que o autor pretendia diferenciar os processos de representação de coisa e representação de objeto (GARCIA-ROZA, 2001), relacionando-o com nosso objetivo, o chefe ou líder, o pai da horda primitiva não poderia ser este objeto hipercatexizado? Considerando o texto Psicologia de grupos e análise do ego (1921), em que Freud discorre sobre a idealização do líder religioso ou do comandante do exército frente à suas organizações, parece que sim. Diante dessa possibilidade novamente pode-se ter mais um detalhe importante na construção de nossa empresa.

O provável leitor pode questionar; quantas perguntas sem respostas? Nossa empresa busca justamente levantar pequenos indícios que nos possibilite, ao final da empreitada, um posicionamento mais claro. Senão em relação ao texto de Freud, pelo menos em relação às nossas próprias dúvidas.

No artigo Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917 [1915]a) Freud retoma a teorização do começo do século, ampliando conceitos relativos ao funcionamento do aparelho psíquico, mais preocupado com sua aplicação clínica. São

discutidos os mecanismos de funcionamento do princípio do prazer e da realidade em diversas situações clínicas, mas a noção desses princípios apresentada nesse trabalho, até o momento, atende plenamente nossa necessidade, visto não ser especificamente nosso objeto de estudo. Portanto, não foram encontrados rastros, nuances, detalhes nem sombra do que se procura, não havendo necessidade de aprofundar nossa análise do referido artigo.

Luto e melancolia (1917 [1915]a) se mostra como uma retomada de temas abordados em Sobre o narcisismo: uma introdução (1914a), notadamente no que se refere à identificação narcísica e ao ideal de ego. No artigo Freud faz menção a um agente crítico da consciência que seria futuramente aprofundado em Psicologia de grupos e análise do ego (1921), levando à hipótese do superego em O ego e o id (1923). Cabe também destaque no artigo a questão da identificação, podendo o conceito ser considerado um detalhe importante em nossa busca, pois faz menção a um objeto do mundo externo que é idealizado (ideal de ego), passando a ocupar um lugar de destaque na constituição do sujeito.

No texto Freud compara o luto com a melancolia verificando que:

[...] que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego é absorvido. Na melancolia, a perda desconhecida resultará num trabalho interno semelhante, e será, portanto, responsável pela inibição melancólica. A diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente. O melancólico exibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição extraordinária de sua auto-estima, um empobrecimento de seu ego em grande escala (FREUD, 1917 [1915]b, p. 278).

Quando a diminuição da auto-estima é analisada, observa-se no melancólico uma “[...] perda acompanhada de auto-recriminações e recriminações feitas a um objeto amado que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente” (FREUD,

1917 [1915]b), que tende a se autodepreciar se vendo indigno do objeto amado, mais na maioria das situações opera-se aí o mecanismo da projeção, em que o melancólico na verdade deprecia o objeto amado que é por ele incorporado. Este processo de incorporação do ideal do ego lembra a fase canibalística concebida em Totem e tabu, sendo necessário, oportunamente, rastrear os conceitos de agente crítico da consciência e o processo de identificação que serão analisados futuramente, quando da discussão da segunda tópica, notadamente no que se refere ao conceito de superego. Dados preliminares dão conta que o agente crítico da consciência pode ser tomado como um precursor do superego em Freud.

3.1. A Teorização da Década de Vinte

Outro momento relevante da teorização na obra de Freud é observado no início da década de vinte com a publicação de Além do princípio do prazer (FREUD, 1920 [1919]), artigo escrito em 1919 e levado a público em 1920. Na obra Freud volta a falar sobre a compulsão à repetição como uma característica do comportamento infantil e derivada da natureza dos instintos, sendo suficientemente poderosa a ponto de desprezar o princípio de prazer. Discute a questão da classificação dos sonhos, apresentando uma exceção mais séria à regra de que os sonhos seriam a realização de desejo: os sonhos traumáticos. No entanto, o aspecto mais “inovador” do artigo diz respeito à ampliação da concepção metapsicológica da dualidade pulsional e da nova

dicotomia entre eros e os instintos de morte, em substituição (ou complementação) às funções de autoconservação (antigas pulsões do ego) e pulsões sexuais.

Este trabalho de Freud causou muita polêmica em função da hipótese da pulsão não se vincular ao objeto (mundo externo) e se voltar para o próprio ego, ou, ainda, se ver energeticamente desvinculada de qualquer objeto, seja ele do mundo interno ou externo, inaugurando a hipótese da pulsão de morte. A retomada de alguns temas do Projeto de 1895 e uma leitura biológica das pulsões são também bastante criticada.

Ainda que nosso objeto de estudo seja a obra freudiana, neste momento, cabe abrir um parênteses e discutir a repercussão da teorização desta década entre os seguidores e comentadores de Freud, visto que neles a teoria encontrou seus desdobramentos.

Mas, para Widlöcher o conceito de pulsão de morte obedece a uma finalidade:

Trata-se, na verdade, de formalizar uma teoria geral que organiza, num sistema explicativo mais vasto, a interação dos processos psíquicos. Fundada na hipótese de uma tendência primária do organismo à redução completa das tensões, pretende dar conta do dualismo pulsional fundamental, da tendência à compulsão, à repetição, da origem da agressividade e da primazia da auto-agressividade sobre a dirigida contra outrem (WIDLÖCHER apud GREEN, et al. 1988, p. 10).

A tendência primária do organismo à redução completa das tensões, ou seja, a não vinculação da energia psíquica a um objeto corresponderia à hipótese de pulsão de morte. Quando essa auto-agressividade é dirigida a outrem se tem a noção de agressividade, tema que foi aprofundado em O ego e o id.

Ao discorrer sobre a dualidade e à tendência pulsional de voltar ao inorgânico, à origem, Freud afirma que:

O instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de

satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente do instinto reprimido, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas, nas palavras do poeta 'ungebändigt immer vorwärts dringt' (pressiona sempre para frente, o indomado) (FREUD, 1920 [1919], p. 60).

Sendo assim, parece que Freud propõe uma importante distinção em relação ao modelo de funcionamento psíquico estabelecido anteriormente, ou seja, propõe uma mudança na concepção de pulsão sexual objetual e narcisista, para pulsão sexual objetual e narcisista (Eros = pulsão de vida) e pulsão sexual desligada e demoníaca (Tanatos = pulsão de morte).

Sintetizando o assunto Freud afirma que:

A essência de nossa investigação até agora foi traçada de uma distinção nítida entre os instintos do ego e os instintos sexuais, e a visão de que os primeiros exercem pressão no sentido da morte e os últimos no sentido de um prolongamento da vida (FREUD, 1920 [1919], p. 63).

Mas, fazendo uso das palavras de Laplanche (1988, p. 17) para a “[...] clareza da discussão deveria impedir que se fale de pulsão de morte a não ser como pulsão da própria morte”, visto que a pulsão desvinculada de qualquer objeto, seja ele interno ou externo, implicaria em sua própria morte (tendência ao nirvana, retorno à ausência de excitação, pelas vias mais curtas).

Para os nossos propósitos faz-se necessário mencionar a questão da agressividade, ou seja, a possibilidade da energia “livre” ser direcionada para o externo na forma de agressividade, na tentativa de destruir o estranho, no caso o coletivo. Segundo Laplanche e Pontalis (1986) Freud demorou muito para reconhecer a pulsão agressiva, tratando-a por muito tempo como tendências hostis observadas em alguns quadros patológicos, tendências estas despertadas no decorrer do tratamento clínico.

O conceito é controverso, sendo fruto de discórdia entre algumas escolas psicanalíticas. Por um lado, teóricos como Laplanche (1988) e Green (1988) discordam da existência da pulsão de morte, entendendo-a como desnecessária na explicação do funcionamento do psiquismo, por outro, a escola kleiniana a tem como ocupando um papel de fundamental importância, notadamente, desde a origem da existência humana na medida em que operam no organismo e induzem angústia de ser desintegrado e aniquilado (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986).

Não obstante, vale ressaltar que a introdução da hipótese da pulsão de morte contribuiu para que Freud voltasse a publicar mais uma obra essencial na teoria psicanalítica: *O ego e o id* (1923), visto que muitos pontos introduzidos por intermédio de *Além do princípio do prazer* necessitavam de desenvolvimento, dentre eles o dualismo pulsional e a agressividade.

No texto de 1923 Freud propõe a segunda tópica e, conseqüentemente, amplia a estrutura do aparelho psíquico, que em nosso estudo, será a seguir visitada. Logo após destacar esta importante contribuição de Freud, a hipótese da pulsão de morte foi retomada, assim como algumas perguntas feitas no decorrer de nossa discussão que ficaram sem tentativas de respostas, na espera de melhor sorte ao serem discutidas.

O ego e o id é a última grande obra metapsicológica escrita por Freud, seu grande mérito foi ampliar a estrutura do aparelho psíquico, como acima mencionado, propondo-lhe uma nova estrutura com a introdução dos conceitos das instâncias psíquicas id, ego e superego. A segunda tópica não elimina a primeira, elas se complementam, sendo que Freud caracteriza as instâncias da seguinte forma:

[...] o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do Pcpt. – Cs.; em certo sentido, é uma

extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões. Tudo isto se coaduna às distinções populares com que estamos familiarizados; ao mesmo tempo, contudo, só deve ser encarado como confirmado na média ou idealmente (FREUD, 1923, p. 39).

O conceito de ego complementa o sistema Pcpt – Cs., mas não o suplanta e o modo de funcionamento princípio de prazer e princípio de realidade, processo primário e processo secundário são mantidos. Os mecanismos de passagem de um sistema a outro também permanecem. Portanto, a segunda tópica modifica e amplia, porém não elimina a primeira. Freud admite que o ego tenha também uma parte inconsciente, aspecto relevante na explicação do funcionamento psíquico, sendo que para ele:

[...] o ego se acha especialmente sob a influência da percepção e que, falando de modo geral, pode-se dizer que as percepções têm para o ego a mesma significação que os instintos têm para o id. Ao mesmo tempo, o ego está sujeito também à influência dos instintos do id, do qual, como sabemos, é somente uma parte especialmente modificada (FREUD, 1923, p. 55).

Complementando a trilogia da segunda tópica é desenvolvido o conceito da instância superego, sendo oportuno, para defini-la, citar o próprio Freud:

O ideal de ego (superego), portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno (IBIDEM, p. 51).

Ainda caracterizando o superego Freud, um pouco mais adiante, fala que:

O superego, segundo a nossa hipótese, originou-se, em realidade, das experiências que levaram ao totemismo. A questão de saber se foi o ego ou o id

que experimentou e adquiriu aquelas coisas, resulta logo em nada. A reflexão em seguida nos demonstra que nenhuma vicissitude externa pode ser experimentada ou sofrida pelo id, exceto por via do ego, que é representante do mundo externo para o id (IBIDEM, p. 53).

Quando Freud recorre a Totem e tabu para explicar o funcionamento do superego ele está se referindo à norma estabelecida pela irmandade da horda primitiva como forma de evitar o assassinato do animal totêmico e o incesto. Essa norma é decorrente de um pacto de sangue estabelecido pelos irmãos que se viram culpados pelo assassinato do pai (FREUD, 1913 [1912]). Este tema será mais bem discutido quando da discussão dos textos sociais de Freud.

Concebendo o funcionamento do aparelho psíquico, conforme a proposta da segunda tópica, cabe ao ego um papel importante na manutenção de contato com o mundo externo, mantido por intermédio das relações de dependência com as outras instâncias. Cabe ao ego intermediar as demandas tanto do id, pulsão que o tempo todo insiste para se ver realizada, quanto as exigências do severo superego que interdita o prazer, ou seja, as possibilidades de realização pulsional. Esse equilíbrio não é tão facilmente atingido, estando o ego sujeito à pressão por tempo integral.

Mais pontos importantes são discutidos no artigo: a agressividade e a identificação, que por estar diretamente relacionados à pulsão de morte, serão discutidos na próxima sub-sessão.

3.2. A Hipótese da Pulsão de Morte

Considerando que o conceito de pulsão de morte proposto por Freud encontra-se, segundo sua concepção, inacabado e, que as escolas psicanalíticas se posicionaram frente a ele de diferentes formas: umas negando e outras o enaltecendo, houve por bem consultar alguns pesquisadores contemporâneos para, posteriormente, nos posicionar quanto ao assunto.

Neste sentido, Montenegro (1999) discute sobre em que consiste um exame das implicações da introdução do conceito de pulsão de morte na teoria freudiana, pensada como uma teoria dos atos irracionais, realizando um rastreamento das possíveis contradições intrínsecas ao projeto teórico de Freud, concluindo que seria errôneo supor que a noção de racionalidade subjacente a essa teoria ficaria comprometida a partir da formulação dessa nova pulsão. Antes, essa noção estaria comprometida desde o início, uma vez que não pareceria consistente propor que a racionalidade (consciência) seria fundada sobre uma base psíquica não-racional (o inconsciente).

Santos (1999) toma como ponto de partida a discussão instaurada em torno da construção dos conceitos metapsicológicos, considerados o arcabouço teórico da psicanálise, questionando seu estatuto científico. Tenta demonstrar que ao forjar a superestrutura especulativa da metapsicologia, Freud está de pleno acordo com o método heurístico de fazer ciência.

Carvalho (2002) considera que sendo a pulsão de morte um conceito especulativo:

[...] criado para, por um lado, dar conta de alguns fatos clínicos relacionados à agressividade, a partir da idéia de que estes estariam para além do princípio de

prazer, e por outro, sustentar teoricamente o postulado de uma dualidade pulsional fundamental, tida por Freud como necessária à explicação do conflito psíquico, posição corroborada por alguns de seus comentadores, traz a hipótese de que, tanto estes acontecimentos clínicos quanto o conflito psíquico, podem ser explicados sem a necessidade da suposição de uma pulsão adjetivada como de morte. Uma segunda hipótese decorre da primeira: ao manter a dualidade, apesar de a psicanálise ter sido e ser até hoje um inestimável e eficaz instrumento de valorização da integração entre corpo e mente, a metapsicologia freudiana - assim como a kleiniana e a lacaniana, por exemplo, que a mantiveram fundamentalmente - ainda traz como premissa filosófica, mesmo que dialética, a separação dicotômica e romântica entre natureza e cultura, animalidade e humanidade, organismo e razão, isso e eu-supereu (CARVALHO, 2002, s/nº)

No estudo, vale ressaltar o questionamento quanto à necessidade ou não da introdução da hipótese de pulsão de morte, visto que o funcionamento psíquico poderia ser explicado sem haver a necessidade de introduzir um novo conceito. As vicissitudes da pulsão já previam este fim e a dicotomia entre natureza e cultura como uma limitação na busca da integração corpo e mente.

Se a consulta aos autores supracitados não ampliou nossa discussão, serviu para demonstrar-nos que o tema continua atual e que questionamentos feitos na década de 80, como os de Laplanche (1988) e Segal (1988) continuam na ordem do dia.

Antes de entrar nas posições defendidas por diferentes escolas (Kleiniana e Lacaniana) de acordo com nosso critério de trabalho, parece necessário partir do básico estabelecido por Laplanche e Pontalis (1986) e, só depois, ampliar nossas conjecturas e digressões, eles assim definem a pulsão de morte:

No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das pulsões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendentes à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma de pulsão agressiva ou destrutiva (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 528).

Continuando a discorrer sobre o assunto, os mencionados autores questionam os motivos que levaram Freud a propor a existência da pulsão de morte, relacionando quatro condições básicas, quais sejam: a compulsão à repetição, tomada como um caráter regredido de alguns casos clínicos, que as explicações anteriores da dualidade pulsional eram insuficientes para explicar; a importância psicanalítica das noções de ambivalência e agressividade, encontradas no sadismo e masoquismo, observadas, por exemplo, na clínica da neurose obsessiva e melancolia; a coerência metapsicológica e a necessidade de tomar o ódio e o sadismo como decorrente das pulsões sexuais; e a exigência dualística das pulsões, levantada a partir de 1915, por meio da questão masoquismo primário revelando aspectos estruturais da teoria em pares antitéticos (pulsão de vida x pulsão de morte). Afinal a hipótese da pulsão de morte era necessária ou não? Como era (continua sendo) ou conceito inacabado, depende a escola que se adotar. Os discípulos de M. Klein a defendem como recurso indispensável no entendimento no psiquismo infantil e de alguns casos clínicos.

Não obstante, a nova concepção de pulsão de morte amplia a os postulados psicanalíticos, fazendo dela uma tendência para explicar quadros clínicos em que prevalece a destrutividade (masoquismo, por exemplo) um dado irreduzível (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986).

Ao discutir a pulsão de morte, uma questão de difícil penetração que se coloca é quanto ao monismo ou dualismo pulsional. Laplanche afirma que:

Distingue-se classicamente na história do pensamento freudiano duas teorias (sexualidade/auto-conservação – pulsões de vida/pulsões de morte). Nossa interpretação é que estas teorias não substituem umas às outras, mas se completam, a segunda vindo modificar e reequilibrar a primeira. Neste sentido atribuímos uma grande importância ao momento intermediário (Introdução ao narcisismo) que permite apreender o eixo em torno do qual gira a evolução (LAPLANCHE, 1988, p. 20).

O posicionamento de Laplanche é importante no sentido de resolver uma celeuma, contextualizando na história do pensamento psicanalítico a evolução do conceito que passa de uma posição monista (1914-1915 – sexualidade é a única e verdadeira pulsão) para uma posição dualista (1920 [1919] – Eros – pulsão de vida x Tanatos – pulsão de morte).

Green (1988) discute a hipótese da pulsão de morte sob o ponto do que ele chama de função desobjetalizante, visto que pulsão de morte busca o inorgânico, a inércia, mostrando-se desligada. Fala sobre as dificuldades de encaixar as características descritas da pulsão sexual (fonte, pressão, alvo e objeto) às pulsões de morte como um sério obstáculo em sua concepção. Quando introduz o conceito de função desobjetalizante, se refere a ele da seguinte forma:

[...] a meta da pulsão de morte é de realizar ao máximo uma função desobjetalizante através do desligamento. Esta qualificação permite compreender que não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste – o eu, por exemplo, e o próprio investimento na medida que ele sofreu o processo de desobjetalização. Na maior parte do tempo assistimos, com efeito, apenas ao funcionamento concorrente das atividades em relação aos dois grupos de pulsões. Mas a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento (GREEN, 1988, p. 65).

Desinvestimento, desobjetalização e destrutividade, para Green, são termos utilizados para qualificar a pulsão de morte, indo de encontro às principais características da pulsão de morte defendidas pela maioria dos comentadores de Freud: o desinvestimento é entendido como busca do inorgânico, do nirvana. Mas o que acontece quando a pulsão é projetada no ambiente externo?

Essa posição foi bastante defendida pela escola kleiniana aqui representada por Hanna Segal e Paula Heimann, analistas inglesas de destaque internacional. Segal (1988) reafirma a importância da pulsão de morte no entendimento do psiquismo da

criança, notadamente nos período mais primitivos do desenvolvimento, e nos quadros em que prevalecem a destrutividade, seja voltada para objetos internos ou externos. A escola Kleiniana defende veementemente a teoria pulsional dualista, sendo que um posicionamento marcante desta escola foi estabelecido por M. Klein quando da publicação de Inveja e gratidão, em que foi discutida a inter-relação pulsão de morte e inveja. Foi observado que ambas têm traços essenciais em comum, ambas atacam a fonte de vida. Então, “[...] a pulsão de morte, assim como a pulsão de vida, procura a satisfação, e a satisfação da pulsão de morte (não sendo a morte) está na dor”. (SEGAL, 1988, p. 40). Um pouco antes, ao caracterizar casos clínicos em que prevalecem a pulsão de morte a autora diz que:

O conflito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, poderia ser formulado em termos puramente psicológicos. O nascimento nos confronta com a experiência das necessidades. Pode haver duas reações a esta experiência e ambas estão, a meu ver, invariavelmente presentes em cada um de nós, ainda que em proporções variáveis. Uma destas reações consiste em buscar a satisfação das necessidades – é a sede de viver que conduz à procura do objeto, do amor e finalmente à solicitude com respeito ao objeto. A outra, é a tendência a aniquilar, a necessidade de destruir o self que percebe e experimenta, assim como tudo que é percebido (SEGAL, 1988, p. 34).

Isso posto, pode-se deduzir que para a escola kleiniana as duas pulsões coexistem, ora prevalecendo uma, ora outra, fato observado na manifestação de relações objetais de amor e ódio.

Antes de concluir, faz-se necessário aqui apresentar ainda o posicionamento de Heimann quanto à aceitação da hipótese da pulsão de morte:

A aceitação da teoria do instinto de morte também altera a nossa avaliação da hostilidade e crueldade; pelo que, como se trata de elementos da complexa e interatuante rede de conflitos emocionais, a nossa concepção da personalidade total tinha de ser influenciada. Vemos a mente humana, por sua própria natureza, compelida a manobrar constantemente entre duas forças basicamente opostas, das quais se derivam todas as emoções, sensações, desejos e atividades (HEIMANN, 1982, p. 359).

A autora defende a aplicação da hipótese da dualidade pulsional, recorrendo principalmente sobre os mecanismos da projeção, em que os instintos destrutivos são projetados no mundo externo de forma odiosa, agressiva como forma de aliviar a ansiedade, renunciando a insuficiência do ego para lidar com a pressão exercida pelos impulsos de vida e de morte na luta por suas realizações.

Logo após, no mesmo texto, a autora defende de forma categórica a dualidade pulsional, justificando na clínica a pulsão de morte:

A nossa compreensão do indivíduo torna-se mais penetrante através do conhecimento das profundas raízes biológicas donde jorram a sua destrutividade, a sua necessidade defensiva de infelicidade e a sua ansiedade; a nossa capacidade para lidar com problemas técnicos tão intrigantes quanto o sadomasoquismo, os delírios de perseguição ou as reações terapêuticas negativas será muito maior graças à luz projetada em nosso trabalho pelo conceito freudiano dos instintos de vida e de morte (HEIMANN, 1982, p. 360).

Resta-nos ainda aprofundar na discussão da agressividade e da identificação como decorrência da propositura da segunda tópica, retomando alguns pontos que, a nosso ver, ficaram obscuros no decorrer do presente estudo.

O conceito de agressividade encontra amparo na teoria psicanalítica após a introdução da pulsão de morte, apesar de Freud ter evitado sua utilização na explicação do funcionamento psíquico. Em decorrência de sua não vinculação a pulsão de morte poderia se voltar para o próprio organismo (melancolia), ou ser projetada no meio externo (paranóia). Quando ela é manifesta no meio externo fica notável seu poder de destruição, sendo entendida como agressividade.

A agressividade pode estar a serviço do ego para se proteger contra a autodestruição, provavelmente relacionada à parte inconsciente do ego, mas não fica

claro nem em Freud, nem em seus comentadores e sucessores consultados como se processa a comunicação entre as instâncias psíquicas.

Quanto à identificação poderia ser entendida como recurso do ego para dar vazão à pulsão (pulsão de vida), sem, contudo destruir o objeto, o catexizando. Nos casos de hipercatexia exercida pela soma de catexias individuais, ou seja, do coletivo, resultaria na formação de líderes, algo que será discutido nos textos sociais de Freud. Finda esta sucinta descrição da teoria psicanalítica, nos vem uma indagação: os textos sociais de Freud são metapsicológicos? Freud continua teorizando quando discorre sobre o social? Por ora a dúvida nos basta, ela será a seguir investigada.

4. OS TEXTOS SOCIAIS DE FREUD

Não há sociedade humana, nem cultura, anteriormente à emergência do pensamento simbólico. O simbólico não é o ponto de chegada do social, mas seu ponto de partida.

Garcia-Roza⁷

Visando elucidar dados relativos à nossa hipótese básica de trabalho, nesse capítulo foram analisados os textos sociais de Freud (FREUD, 1912 [1913]; 1921; 1927; 1930 [1929]), e cotejados com a produção metapsicológica da década anterior. Serão analisados alguns desdobramentos da publicação de *O mal-estar na civilização* e uma suposta negligência dos sucessores de Freud para com alguns conceitos (pulsão de morte, por exemplo), que Moscovici (1994) chama de memória perdida.

Não obstante aos textos sociais até agora referenciados, Freud publicou a primeira obra de destaque no que concerne ao social: *Totem e tabu*, em (1913 [1912]),

⁷ GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**: a interpretação dos sonhos (1900). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 126.

que para analisá-la juntamente com seus textos essencialmente sociais nossa opção foi postergar sua discussão para essa oportunidade.

Este texto demarcou sua produção teórica, causando grande repercussão na época de sua publicação, principalmente entre adeptos da antropologia social, sociologia e filosofia. A obra foi considerada por alguns como uma obra mitológica, sem nenhum valor científico e por outros como uma obra-prima. Dentre os que criticam essa concepção da horda primitiva encontra-se Levi-Strauss, conceituado antropólogo francês, que retoma o texto de Freud em diversos momentos, notadamente, no se refere à forma de constituição social; mas o próprio Freud a tem como um de seus mais brilhantes escritos, conforme afirma em nota seu editor inglês (STRACHEY, 1913 [1912]). O texto representa uma primeira tentativa formal de Freud de aplicar o ponto de vista e as descobertas da Psicanálise a alguns problemas não solucionados da Psicologia Social (FREUD, 1913 [1912]).

A obra foi publicada em quatro ensaios, em que o primeiro se refere ao horror ao incesto; o segundo, ao tabu e ambivalência emocional; o terceiro, ao animismo, a magia e onipotência de pensamentos; e o quarto, e último, ao retorno do totemismo na infância.

Freud introduz o ensaio descrevendo o horror ao incesto e definindo o que ele entendia por totem, como sendo quase sempre um animal sagrado, com suas palavras, o termo foi assim proposto: “[...] O que é um totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã” (FREUD, 1913 [1912], p. 21).

Mas qual a função desta norma social? Qual função ela exercia entre os povos primitivos? Neste sentido Freud estabelece uma relação direta entre a norma, a lei, e a sexualidade, afirma ele que:

Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e conseqüentemente, contra o seu casamento. Trata-se então da 'exogamia', uma instituição relacionada com o totemismo (FREUD, 1913 [1912], p. 23).

Mas por que entre os povos mais primitivos havia a necessidade de “normatizar” as relações sexuais? Ao discutir essa questão Freud retoma alguns pontos abordados nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, a questão dos mitos e rituais relativos ao sangue e tabus relacionados aos governantes. Analisa formas de organização de diferentes povos e chega a conclusão que “[...] As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto” (IBIDEM, p. 52).

Os assuntos estão imbricados de tal forma que, por uma questão de ordem, parece necessário explicitar o que Freud entende sobre a questão dos tabus. Ele começa o ensaio por definir o significado de tabu, sendo que, para ele, o termo abrange dois sentidos:

Para nós significa, por um lado, 'sagrado', 'consagrado', e por outro, 'misterioso', 'perigoso', 'proibido', 'impuro'. O inverso de 'tabu' em polinésio é 'noa', que significa 'comum' ou 'geralmente acessível'. Assim, 'tabu' traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nessa acepção de 'temor sagrado' muitas vezes pode coincidir em significado com 'tabu' (IBIDEM, p. 38).

Em ambos os sentidos o termo se refere à produção cultural humana, mas vale ressaltar que nesta obra Freud se propõe a trabalhar a questão social em primeiro

plano, aplicando nela as descobertas psicanalíticas. Noutras oportunidades Freud partia do individual rumo ao social, do patológico rumo ao normal, mas agora não. Ele parece inverter sua leitura, apesar da mudança de postura o método de investigação é mantido (método interpretativo).

Tentando responder a questão sobre a função da normatização das relações sexuais, se fez necessário reportar também a outro teórico, que analisa o assunto a partir dos textos de Freud: Enriquez. Para ele a “lei da exogamia” tem uma função social:

A proibição do incesto não é apenas um elemento indispensável ao funcionamento da família, à aceitação da aliança e da filiação (e logo, à estruturação do indivíduo); ela se torna o elemento central em torno do qual se organiza o socius e que, segundo Lévi-Strauss, permitirá definir a fronteira entre natureza e cultura (ENRIQUEZ, 1999, p. 35).

A opinião do autor enfatiza a proibição do incesto, demarcando uma condição para consolidação do social, ou seja, com a introdução da norma, com a proibição à livre manifestação dos instintos, o homem não encontra outra saída a não ser se organizar socialmente, colhendo os frutos de uma alternativa racional e realizando parcialmente seus instintos. Substitui o princípio do prazer pelo princípio de realidade, condição para que se estabeleçam as relações interpessoais sem maiores percalços.

Freud ainda associa o desenvolvimento social ao desenvolvimento individual patológico, afirmando o seguinte:

As neuroses, por um lado, apresentam pontos de concordância notáveis e de longo alcance com as grandes instituições sociais, a arte, a religião e a filosofia. Mas, por outro lado, parecem como se fossem distorções delas. Poder-se-ia sustentar que um caso de histeria é a caricatura de uma obra de arte, que uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião e que um delírio paranóico é a caricatura de um sistema filosófico. A divergência reduz-se, em última análise, ao fato de as neuroses serem estruturas associativas; esforçam-se por conseguir, por meios particulares, o que na sociedade se efetua através do esforço coletivo (FREUD, 1913 [1912], p. 95-96).

Qual a importância de tal fato para nossa empreitada? Parece que Freud aplica o método psicanalítico ao social. Ao analisar o desenvolvimento social relacionando-o aos mecanismos de funcionamento do aparelho psíquico individual, Freud não está somente aplicando os achados da Psicanálise à organização social, sem maiores pretensões, mas, ao discutir a constituição do funcionamento psíquico individual ele faz menção a uma condição social.

Freud analisa na obra, também o animismo, a magia e a onipotência de pensamentos, retomando em alguns aspectos o desenvolvimento sexual infantil e a realização dos desejos, para ele:

Apenas em um único campo de nossa civilização foi mantida a onipotência de pensamentos e esse campo é o da arte. Somente na arte acontece que se assemelhe à realização desses desejos e o que faça com um sentido lúdico produza efeitos emocionais – graças à ilusão artística – como se fosse algo real. As pessoas falam com justiça da ‘magia da arte’ e comparam os artistas aos mágicos. Mas a comparação talvez seja mais significativa do que pretende ser. Não pode haver dúvida de que a arte não começou como arte por amor à arte. Ela funcionou originalmente a serviço de impulsos que estão hoje, em sua maior parte, extintos. E entre eles podemos suspeitar da presença de muitos intuítos mágicos (FREUD, 1913 [1912], p. 113-114).

Discutindo ainda de forma rudimentar os destinos dos instintos (Totem e tabu é um texto anterior a Os instintos e suas vicissitudes), Freud começa a analisar o retorno do totemismo na infância, o mais comentado dos quatro ensaios que compõem Totem e tabu. Nesse ensaio Freud concebe uma organização humana primitiva, em que o chefe da horda exerce o poder de forma autoritária sobre os demais membros do grupo, detendo para si direito exclusivo sobre todas as fêmeas. Na competição pelo acesso às mulheres, os mais fracos se associaram e rebelaram contra o poder do mais forte. Mataram o chefe e o devoraram num ritual canibalístico, incorporando os poderes e a força do morto. Arrependidos os filhos admitem a culpa pelo crime e reconhecem o

lugar do pai, exaltando suas qualidades em rituais periódicos como forma de renovar o pacto de sangue; pacto esse, que implicaria em uma lei, em que nenhum membro da horda teria acesso às mulheres do grupo, e que não poderiam assassinar membros do mesmo clã (FREUD, 1913 [912]).

Frente à onipotência do chefe, e por meio do pacto de sangue, os irmãos se reconhecem na impotência. Vendo-se excluídos na palavra (poder) e na sexualidade (acesso às fêmeas), tramam contra o chefe, fundando o social. Portanto, a fundação do social se dá através de um crime fraternal, que estabelece uma relação de força e de parentesco, em que o ódio transforma seres submissos em irmãos, e o assassinato transforma o chefe autoritário e sanguinário da horda em pai. Os filhos estão presos entre o desejo e a identificação. No ato de matar e devorar o chefe os filhos incorporam as características psíquicas do pai, selam um pacto do grupo, e estabelecem garantias de sua manutenção. Daí a expressão de que o pai é sempre pai morto, introduzindo o conceito de lei paterna (ENRIQUEZ, 1999; FREUD, 1913 [1912]).

Pode-se concluir que o essencial deste processo seja a conspiração dos irmãos, o assassinato do pai é consequência. Unidos pelo crime (força comum) eles estabelecem a coesão do grupo e o nascimento da irmandade; a qual se une na identificação com a história e atributos do pai e no ato criminoso partilhado. Portanto, o homicídio do pai possibilita a construção do social, havendo uma passagem do estado de natureza para o estado de direito, fazendo uso literal das palavras de Enriquez:

Se é o ódio que transforma os seres submissos em irmãos, é seu assassinato que transforma o chefe da horda em pai. Logo, não existe pai, se esse, que pode assim ser investido, não somente possui as mulheres, mas ainda, e, sobretudo, é o objeto de um desejo de morte. O pai, enquanto tal, não existe a não ser morto realmente (ENRIQUEZ, 1999, p. 31).

O aspecto mais importante desta situação é a introdução da lei, que implica numa mudança de ordem: a passagem do estado de natureza para o estado de direito. Sendo assim, não faz mais sentido partir do individual rumo ao social, visto que a sociedade tornou-se uma realidade mais ampla e complexa, provavelmente regida por seus próprios mecanismos de constituição e funcionamento, que influenciam na estruturação do psiquismo individual.

Uma possível conjectura decorrente dessa situação seria a escolha de Freud se ater à organização social do homem como forma de entender o funcionamento psíquico do indivíduo, invertendo seu olhar: de centrado no indivíduo para voltado para o sócio. Um dos derivativos da organização social do homem seria pensar no psiquismo coletivo, e a publicação dos textos sociais de Freud poderia representar que ele, percebendo a referida mudança de paradigma, começasse a introduzir gradativamente a questão da organização social do homem no discurso psicanalítico, como forma de entender os desígnios da humanidade.

Conjecturas e digressões à parte, o valor da publicação de Totem e tabu é incomensurável. Mesmo não sendo aceita por todos, a obra possibilita inúmeras interpretações. Para Assoun:

Totem e tabu marca o encontro da metapsicologia com sua verdade social. A vestimenta mitológica só faz exprimir este momento do risco metapsicológico: o de postular uma causalidade desses processos que levam para além do consciente. É a esse lugar que a lógica de ferro da ananké inconsciente leva Freud: à tese de uma homologia de dois textos do sujeito inconsciente e a dualidade do 'individual' e do 'social'. É isso que permite a Freud transportar as aquisições dessa teoria do simbólico para o plano 'psicossocial' – cujo equívoco é assim revelado e praticado – com essa tese segundo a qual toda 'multidão artificial' ou instituição deve ser lida como 'a transposição idealista da horda primitiva' (ASSOUN, 1996, p. 36).

Metapsicologia psicanalítica e realidade social se imbricam no para além da consciência, buscando as razões primárias da existência humana, por meio de um simbolismo que rumo para um plano psicossocial.

Depois da primeira investida formal no sentido de discutir o social (a publicação de Totem e tabu) Freud redireciona sua atenção para teorização de 1915-1917, e novamente, a partir de 1920 [1919] publica outro artigo metapsicológico, Para além do princípio do prazer. Aproximadamente sete anos depois Freud publica Psicologia de grupo e análise do ego (1921), que ao contrário de Totem e tabu, só despertou um interesse polido por parte dos analistas e de alguns de seus comentadores, sendo criticada pela falta de rigor na demonstração de suas observações (ENRIQUEZ, 1999).

Na obra, Freud contrapõe psicologia individual versus psicologia social, afirmando que as mesmas se equivalem. Se de fato isso ocorre, então o comportamento de cada pessoa depende do comportamento do outro, e a análise individual enfraquece as relações sociais, revelando mentiras, tirando máscaras e desmitificando ideologias. Portanto, a pretensão da sociologia de tomar o social, sem considerar o psiquismo individual, se apresentaria como ridícula. Então, a sociologia não poderia, de forma alguma, ser indiferente à alteridade.

Apesar das críticas o texto é inovador quando se propõe a levar em conta os comportamentos reais e a realidade fantasiada. O ponto central da obra é a caracterização da natureza das massas e a análise do mecanismo do processo de identificação, identificação essa centrada na figura de quem detém a função paterna, figura idealizada e tomada com modelo do grupo. Mas ao mesmo tempo em que Freud faz reverência ao pai vivido em Totem e tabu, ele condiciona o processo de identificação à aceitação da lei.

A massa, ou grupo estaria sujeita ao poder mágico das palavras, pensando e sentindo de maneira diferente da esperada, ou seja, deixa de manifestar-se de forma irracional na tentativa de realizar os instintos sexuais inconscientes. O grupo exige ilusões, podendo ser comparado a um estado onírico, em que seria guiado pelo inconsciente, não havendo motivos racionais para sua constituição e funcionamento.

A oposição indivíduo-massa vem da oposição estado de vigília-estado onírico. Somos levados a pensar que a massa, em qualquer circunstância, se deixa guiar quase que unicamente pelo inconsciente, enquanto o indivíduo se guia unicamente pela razão, ou pelo menos 'reprime suficientemente suas tendências inconscientes' (ENRIQUEZ, 1999, p. 57).

Ao se reportar às organizações Freud se refere, como modelo, à igreja e ao exército, instituições fechadas, em que prevaleceria a ilusão de um chefe supremo, que ama a todos com igual amor, amor espontâneo que partiria de um personagem central para com os demais membros do grupo (FREUD, 1921).

A organização do grupo dependeria da presença de um chefe e de uma estrutura libidinal, mas nos grandes grupos artificiais não haveria lugar para a mulher como objeto sexual, sendo as relações mantidas com base em um amor homossexual, com livre manifestação dos instintos, posto que foram eliminados os problemas previstos em Totem e tabu (incesto e parricídio – assassinato do animal totêmico). Os processos sublimatórios garantiriam a formação do coletivo. O amor entre os irmãos e a ilusão da onipresença do chefe garantiria a existência e manutenção do grupo, sem a realização dos instintos sexuais de forma materializada (FREUD, 1921).

Parece que em Psicologia de grupo e análise do ego Freud concebe o grupo a partir da união pelo amor, um amor homossexual, onde a concepção de chefe ou líder se encontraria na ordem da fantasia, da ilusão. O processo de identificação seria de

fundamental importância para compreender a vida dos grupos, pondo o objeto no lugar do ideal de ego, onde vários indivíduos colocariam o mesmo objeto no lugar do ideal de ego, sendo cada pessoa representada em um componente de um ideal de ego ampliado.

O ideal de ego seria uma formação autônoma, que servindo de referência ao ego, se constituiria como um substituto do narcisismo, valendo ressaltar que a complementaridade dos desejos individuais levaria à criação das instituições. Sendo assim, o processo civilizador seria responsável por um sentimento de culpa, cada vez maior, havendo conflito entre o ego e o ideal de ego, e o social se equivaleria a uma neurose, em que os instintos sexuais de cada pessoa seriam deslocados para a realização de um comportamento uniformizado.

A leitura atenta de Psicologia de grupo... surpreende pela extrema violência dos temas tratados e das conclusões obtidas: a formação coletiva nasce de uma ilusão produzida pela hipnose e funciona como uma neurose coletiva; ela tende a desviar cada pessoa da realização de seus objetivos sexuais diretos, solicita de cada um uniformidade de comportamento, amordaça o ego e pode levar a um conflito crescente entre o ego e o ideal do ego. Porém, se ela começar a faltar, sua ausência fará surgir novos tipos de problemas que serão, às vezes, mais graves que a neurose (ENRIQUEZ, 1999, p. 77).

Enfim, a obra é contundente! Como informação adicional, vale salientar, que este texto de Freud é considerado a origem de uma nova disciplina ou área do saber: a Psicossociologia.

O futuro de uma ilusão (1927) se constitui numa reflexão sobre a natureza e o desenvolvimento da civilização. É um inventário psíquico em que Freud discute questões caras à Psicanálise por meio de idéias ou ilusões relativas à religião, imaginando um debate com um interlocutor, no qual ocupa uma postura normativa, tentando convencer o interlocutor a se desprender da ilusão religiosa. Promove uma

análise progressiva da civilização que vai do nascimento ao funcionamento, tendo como garantias a perenidade e as perspectivas futuras, em que são destacadas as noções de ilusão e a inquietude (FREUD, 1927).

Por falar em processo de civilização, em normatização dos desejos, parece que:

[...] é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais do que uma quota mínima. Em tais condições, não é de esperar uma internalização das proibições culturais entre as pessoas oprimidas. Pelo contrário, elas não estão preparadas para reconhecer essas proibições, têm a intenção de destruir a própria cultura e, se possível, até mesmo aniquilar os postulados em que se baseia (FREUD, 1927, p. 23).

Mas o estado de natureza representaria uma ameaça aos destinos do homem, então, pensando nisso, Freud afirma que:

[...] Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza (IBIDEM, p. 26).

Ainda discutindo a questão do estado de natureza, um pouco mais adiante, Freud discorre sobre “[...] a insegurança da vida, que constitui um perigo igual para todos, une hoje os homens numa sociedade que proíbe ao indivíduo matar, e reserva para si o direito à morte comunal de quem quer que viole a proibição. Aqui, então, temos justiça e castigo” (FREUD, 1927, p. 54).

Justiça mantida em função do castigo! É uma contradição própria dos mecanismos de funcionamento da organização social do homem, que só pode ser explicada quando estes são considerados em sua amplitude. Mas, “[...] visto os homens serem tão pouco acessíveis aos argumentos razoáveis e tão completamente

governados por seus desejos instintuais, por que tentar privá-los de uma satisfação instintual e substituí-la por argumentos racionais?” (FREUD, 1927, p. 61).

Falta razão à coletividade. Nessa oportunidade Freud propõe um inconsciente coletivo? Parece que não, mas deixa a dúvida. Para Freud o inconsciente coletivo existe? Ele não fala nos textos consultados sobre inconsciente coletivo.

Quando o texto é tomado como projeto, ele apresenta ruptura com os textos sociais anteriores, se estabelecendo como uma ampliação em relação às teses explicativas do nascimento das religiões, mas representa uma ruptura, pois se arisca a exposição por meio da publicação de obras “não clínicas”, pouco acolhidas pela crítica e pelo meio psicanalítico, sendo tomado como uma ousadia.

A tese principal do texto é a inclinação patológica na formação das religiões, que se equivaleriam a uma neurose obsessiva. Mas, existe saída para o ser humano que não seja a neurose individual ou coletiva? Freud deposita suas esperanças no reino da razão, ou seja, no desenvolvimento científico.

Para Enriquez (1999) ao analisar a ilusão e crença das religiões Freud toma como referência a psicologia coletiva e o psiquismo individual, expressando sua crença cega no racionalismo cai no canto do cisne, criando mais outra ilusão: a onipotência da razão e da ciência.

No texto Freud não diferencia cultura e civilização, destacando apenas seus aspectos básicos: a cultura diferencia os homens dos animais, as forças são dominadas pela natureza, o homem tem necessidade de aquisição de bens para satisfação pessoal e as relações humanas regulamentadas. Como consequência do processo de civilização, se pode ter a cultura exercendo um papel análogo ao do superego no

funcionamento do aparelho psíquico, em que sua função primária seria a interdição dos desejos, evitando o assassinato, o canibalismo e o incesto.

Na religião o objeto idealizado estaria ausente e invisível, existindo fora da razão. Ela responderia a um desejo primitivo do homem de ser uma criança amada e protegida e Deus a uma figura paterna duplamente investida, ocupando o lugar do ideal de ego.

Há uma evolução no pensamento de Freud, em Totem e tabu o Édipo é universal, na Psicologia de grupos e análise do ego a ilusão do amor igualitário funda o social, e em O futuro das ilusões o homem cria as religiões, que representariam a ilusão e o desamparo humano, tema a ser abordado com mais profundidade em O mal-estar na civilização (ENRIQUEZ, 1999).

4.1. Acerca da Publicação de O Mal-Estar na Civilização

Com O mal-estar na civilização desaparece o discurso normativo observado em O futuro de uma ilusão e Freud descreve a possibilidade do fim, do caos do processo civilizador, de tal forma, que ele se mostra resistente ao escrever o texto. A obra provoca indiferença no geral e críticas severas no meio mais restrito, ou seja, entre os psicanalistas (ENRIQUEZ, 1999).

A hipótese principal desenvolvida é a aplicação da pulsão de morte no domínio da cultura e da civilização, prevendo um provável triunfo da pulsão de morte apesar dos esforços de Eros no sentido de se evitar o caos. São abordados temas como civilização, sentimento de culpa, felicidade e coisas do gênero, que Freud, num primeiro

momento, chama de passatempo de velho. Mas “[..]É somente em O mal-estar na cultura (1930) que Freud vai afirmar a absoluta autonomia da pulsão de morte. Ela é então entendida como ‘disposição pulsional autônoma’, originária, do ser humano” (GARCIA-ROZA, 2000b, p. 158-59).

Para Enriquez, Freud propõe a construção da sociedade sobre a renúncia aos instintos e o progresso na espiritualidade, o autor diz que:

Toda civilização se constrói sobre a renúncia às satisfações pulsionais. A sexualidade e a agressividade devem ser recalcadas ou canalizadas, o assassinato fundador deve ser perpetuado e depois esquecido, para que a comunidade possa nascer e instaurar-se, livre para suscitar, pelo retorno do recalcado, a repetição de eventos similares (ENRIQUEZ, 1999, p. 129).

Freud toma a busca da felicidade como a prevalência do princípio do prazer sobre o princípio de realidade, partindo rapidamente para a discussão de seu oposto, a prevalência da pulsão de morte, para a discussão da infelicidade.

Freud (1930 [1929]) recapitula temas tratados em O futuro de uma ilusão, afirmando que a fonte do sofrimento tem origem social. Portanto, a civilização é vista como a substituição do poder individual, em que o direito de todos impede a liberdade individual e a luta pela realização (das pulsões) gera descontentamentos de diversas ordens. Mas ao mesmo tempo em que a civilização é o juiz, ela é parte interessada, havendo o risco constante de não conseguir controlar as pulsões, visto ser de nosso conhecimento que as pulsões recalcadas tendem a voltar a se manifestar (FREUD, 1930 [1929]).

O amor torna o indivíduo dependente do ser amado, o colocando numa posição subserviente, enfraquecendo a pulsão (pulsão de vida x pulsão de morte), constituindo-se na condição para estabelecer laços de amizade e elos comunitários. A mulher é vista

como uma resistência à corrente civilizatória, pois rouba a libido do companheiro, que poderia ser utilizada em prol do bem comum, do coletivo.

Sendo assim, o processo de civilização implica no recalque do primeiro amor, no pacto entre irmãos, pacto este de natureza homossexual, visto que a relação entre um casal de amantes se basta. Então, este tipo de relação seria prejudicial ao desenvolvimento da organização social do homem. Como consequência indispensável se observa uma restrição à vida social, reforçando a formação de vínculos sociais fortes por meio das identificações.

Neste contexto a pulsão de morte, enquanto manifestação da agressividade, passa a ser vista como um entrave na manifestação das pulsões de vida, mostrando-se contra a manifestação do amor. A civilização nasce de um crime de amor, na luta pelas mulheres, portanto, a condição para evitar novos crimes é calar o amor, ou pelo menos, deslocá-lo para objetivos comuns. Prevalecendo a pulsão de morte fatalmente a civilização está fadada à destruição. O objetivo principal da civilização seria impedir a manifestação da agressividade, impor proibições e estabelecer exigências para o convívio social.

A agressividade não foi criada pela propriedade, conforme proposto por algumas leituras do social, mas reinou desde os tempos primitivos. A agressividade é decorrente da pulsão de morte, não havendo como evitá-la. Ela é necessária, como forma de controle, na manutenção do grupo e as identificações comuns resultam na forma da massa. Não obstante, os estados de guerra constantes demonstram que o que começou com a morte do pai continua com o grupo. A recusa do amor transformar-se em angústia, manifestada externamente de forma agressiva e destrutiva e a violência

generalizada pode voltar contra todos, reforçando o sentimento de culpa. Nas palavras de Freud:

A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas (com a única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem) (FREUD, 1930 [1929], p. 135).

Freud faz uma analogia entre o desenvolvimento individual e o desenvolvimento da civilização estabelecendo um paralelo entre o superego, conforme estabelecido na segunda tópica e um superego coletivo. Sendo assim, a necessidade de transformar a natureza libera conseqüentemente a pulsão de destruição, enfrentada por meio do excesso de controle social, promovendo o retorno do recalcado em um ciclo contínuo.

Freud (1930 [1929]) afirma que a pulsão de morte é específica do ser humano e inerente à civilização, sendo o superego o terreno onde ela reina: a crueldade da civilização se sobrepõe à crueldade dos indivíduos. Ele finaliza o texto alertando para a essência da civilização como uma tendência à massificação, à repetição, à homogeneidade e destruição numa tentativa infrutífera de controlar a manifestação da pulsão.

Como analisar O mal-estar na civilização? Como explicar o pessimismo de Freud em O mal-estar da civilização?

[...] esse livro hesitante, continuamente retomado e que parece levantar hipóteses absurdas, constitui-se em uma tentativa surpreendente, da qual, até os dias de hoje, ainda não extraímos, verdadeiramente, todas as conseqüências e todas as implicações (ENRIQUEZ, 1999, p. 139).

A história costuma explicar a obra pelo homem, mas segundo Rey-Flaud, O mal-estar na civilização não deve ser vista desta maneira:

A crítica erudita, que sempre explica a obra pelo homem, situa espontaneamente a amargura do último Freud como uma espécie de contingência da sua própria história: a marca duradoura do traumatismo causado pela Grande Guerra, os lutos familiares que sofreu, o abandono dos seus melhores discípulos, sua luta cotidiana contra o câncer, o conjunto como pano de fundo da crise européia e da ascensão fulgurante do nazismo (REY-FLAUD, 2002, p. 5-6).

Segundo Rey-Flaud (2002) estas são razões históricas e as razões pelas quais Freud se mostra pessimista no ensaio não são de ordem pessoal, mas ele se vê sem saída frente às limitações da Psicanálise na explicação dos desígnios humanos, não demonstrando o mesmo entusiasmo verificado em A interpretação dos sonhos, quanto ao sucesso da Psicanálise. Após os artigos de metapsicologia de 1915-1917, segundo o autor, Freud começa a não acreditar que a pulsão de vida possa suplantar a pulsão de morte. Alguns casos clínicos se tornam exceção e depois de Para além do princípio do prazer Freud se mostra totalmente desanimado frente ao futuro da humanidade.

Birman considera que o mal-estar seja da ordem do sujeito, devendo ser analisado a partir do indivíduo, para ele:

[...] o que estava em questão neste desenvolvimento teórico era menos a antinomia insuperável entre os pólos da pulsão e da civilização, numa forma de reflexão resignada da subjetividade na civilização em geral, do que um esforço para circunscrever o mal-estar do sujeito na modernidade. Era o estatuto do sujeito no mundo moderno o que instigava Freud em suas indagações ainda hoje perturbadoras (BIRMAN, 2001, p. 17).

Birman volta a colocar a discussão de O mal-estar na civilização no campo da subjetividade, ou seja, na ordem do individual e a polêmica indivíduo-sociedade continua, não havendo consenso entre os autores consultados quanto ao lugar que lhe cabe.

O projeto social do homem e o futuro da civilização são vistos como algo incerto, causando angústia e desesperança para Freud:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encara-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes (FREUD, 1930 [1929], p. 95).

E a sublimação? “[...] A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possíveis às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada” (FREUD, 1930, p. 118), mas de forma alguma muda a ordem das coisas: as pulsões não estão sujeitas a um mecanismo de controle que seja totalmente eficaz e eficiente, não restando ao homem outra alternativa a não ser conviver com elas da melhor maneira possível, ainda que ele seja constantemente ameaçado de se sucumbir.

A discussão de temas relativos à cultura por Freud não parou por aí, ele voltou a falar diretamente sobre o assunto em *A aquisição e controle do fogo* (1932), *Por quê a guerra?* (1933 [1932]) e *Moisés e monoteísmo* (1939 [1934]).

No primeiro dos ensaios ele discorre sobre alguns aspectos antropológicos relativos à aquisição do fogo. No segundo, Freud responde a Einstein, então representante de organização humanitária, sobre as razões psicológicas do homem se envolver em tantos conflitos sangrentos como os observados naquela época.

Com *Moisés e o monoteísmo* o autor retoma temas discutidos anteriormente tratando de um problema implícito e não abordado diretamente: o nascimento das religiões monoteístas. Confirma as hipóteses apresentadas em *Totem e tabu*, discutindo-as segundo os complementos propiciados pelo desenvolvimento da

Psicanálise, que não serão aqui analisados em função da limitação de nossos objetivos. Sendo assim, a seguir serão tecidas algumas considerações sobre os questionamentos e perspectivas teóricas vislumbradas a partir do caminho percorrido, à guisa de conclusão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] está terminado, mas não está completo”.

Yerushalmi⁸

Em decorrência de nossa caminhada, nessa sessão foram tecidas nossas considerações finais, depois de retomado o problema, e discutidos os objetivos e as hipóteses de trabalho, chegando à confirmação ou refutação de nossas conjecturas.

Para começar, a análise da passagem dos textos metapsicológicos (1915-1917) aos textos sociais de Freud não nos trouxe uma verdade pronta e acabada, com início meio e fim, em que os procurados indícios de articulação fossem nítidos. Ela nos revelou um Freud, por um lado, preocupado em fundamentar seus achados em bases observáveis e demonstráveis, ampliando seu conhecimento frente à estrutura e funcionamento do psiquismo; por outro, um Freud modesto o suficiente para rever suas descobertas reconhecendo as limitações e contradições conceituais, quando a teoria se

⁸ YERUSHALMI, Y. H. **O moisés de freud**: judaísmo terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 151 (expressão judaica).

mostrava insuficiente para explicar as exceções vindas principalmente da prática clínica.

A Psicanálise se estabeleceu como um novo paradigma científico, com método e rigor suficientes para investigar o intangível, o inacessível por meios não convencionais; portanto, a postura de Freud quanto à investigação do inconsciente diverge do modelo de investigação proposto pelos adeptos do Positivismo desde o começo. Quando propôs a existência do inconsciente como instância psíquica Freud rompeu com as convenções de sua época, ampliando sobremaneira a concepção de doença mental e funcionamento do psiquismo, visto que as ciências naturais não conseguiam explicá-los de forma satisfatória.

Não foi encontrada em Freud, de fato, uma preocupação com a distinção entre cultura e civilização, sem, contudo, inviabilizar a aplicação de suas descobertas ao social. Os conceitos são colocados na mesma ordem, cabendo a outras áreas do saber como à Antropologia Social e à Sociologia buscar uma melhor definição para os termos, ou até mesmo às novas disciplinas que surgiram a partir dos pressupostos psicanalíticos associados ao interesse de investigar a organização social do homem, visto que a Psicanálise não é dona do inconsciente nem tampouco dos desígnios da civilização.

O objeto de estudo da Psicanálise é, antes de tudo, o inconsciente, mas isso não implica numa explicação clara das formas de comunicação existentes entre as instâncias psíquicas, ou seja, os sistemas Pcs-Cs. e lcs., assim como o id, ego e superego. Eles continuam estruturas abertas a desafiar os sucessores e comentadores de Freud a buscarem em sua fonte recursos suficientes para entender, por exemplo, a consciência humana.

O conceito de pulsão de morte ajuda a explicar O mal-estar na civilização e a metapsicologia psicanalítica continua aberta, com suas peculiaridades e contradições à espera de novas investidas no sentido de melhor entender a organização social humana, contribuindo para futuro mais promissor, sendo o mal-estar que avassala a contemporaneidade uma sensação experimentada pelos sujeitos, devendo ser investigada nas diferentes formas de subjetivação (BIRMAN, 2001).

A substituição das figuras parentais por outros objetos, por outras pessoas ou até mesmo por um líder ou organização é decorrente das vicissitudes pulsionais, contribuindo para a manutenção do social, sem, contudo, resolver o problema da agressividade. Esta é advinda da dualidade pulsional e impossível de ser totalmente recalçada, cabendo à ciência e ao homem encontrar caminhos que possibilitem parcialmente a realização dos desejos. Isso já seria uma medida razoável no sentido de diminuir os índices de violência observados na atualidade.

Concluindo nossas considerações, se por um lado, na análise não foram encontrados indícios consistentes de uma forte e intrínseca articulação dos textos metapsicológicos (1915-1917) com os textos sociais de Freud, por outro a mesma não pode ser refutada, visto que a estruturação da metapsicologia freudiana encontra-se intrinsecamente relacionada ao social, podendo-se afirmar que Freud partiu de uma análise individual rumo ao social, aplicando os conceitos e descobertas da Psicanálise a uma realidade mais ampla que dualidade normalidade x patologia, ampliando e possibilitando novas leituras da civilização. Não obstante, a preocupação com o social permeia toda obra freudiana, ficando um pouco ofuscada em função do fascínio despertado por sua metapsicologia.

A produção de Freud passa por diferentes momentos em que prevalecem diversas posições que carecem de uma análise mais crítica e articulada de sua produção conceitual, a nosso ver justificando a existência de uma Epistemologia da Psicanálise.

BIBLIOGRAFIA

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia freudiana**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARVALHO, André Martins Vilar de. **Pulsão de morte?** Natureza e cultura na metapsicologia. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia – Teoria Psicanalítica) – Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/Teses_Dissertacoes.htm>. Acesso em 01/12/2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Psicanálise e contexto social**: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao estado**: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREUD, Sigmund. [1950/1895] **Projeto para uma psicologia científica**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. I, p. 303-421.

_____ [1900] **A interpretação dos sonhos**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. IV e V.

_____ [1904] **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. VII, p. 117-228.

_____ [1907] **Atos obsessivos e práticas religiosas**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. IX, p.117-131.

_____ [1908] **Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. IX, p. 183-208.

_____ [1911] **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XII, 271-286.

_____ [1913/1912] **Totem e tabu**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIII, p. 13-194.

_____ [1914a] **O moisés de michelângelo**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIII, p. 249-279.

_____ [1914b] **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIV, p. 83-119.

_____ [1915a] **Os instintos e suas vicissitudes**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIV, p.127-162.

_____ [1915b] **Repressão**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIV, p. 163-189.

_____ [1915c] **O inconsciente**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIV, p. 191-251.

_____ [1917/1915a] **Suplemento metapsicológico à doutrina dos sonhos.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIV, 253-267.

_____ [1917/1915b] **Luto e melancolia.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIX, p. 269-291.

_____ [1920/1919] **Além do princípio do prazer.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII, p. 11-85.

_____ [1921] **Psicologia de grupos e análise do ego.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII, p. 87-179.

_____ [1923] **O ego e o id.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIX, p. 11-83

_____ [1927] **O futuro de um a ilusão.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XXI, p.11-71.

_____ [1930] **O mal-estar na civilização.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XXI, p. 73-171

_____ [1932/1931] **A aquisição e controle do fogo.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XXII, p. 221-233.

_____ [1933/1932] **Por quê a guerra?** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XXII, p. 235-259.

_____ [1939/1934-1938] **Moisés e monoteísmo.** Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XXIII, p. 235-259.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise:** uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ **Introdução à metapsicologia freudiana:** estudos sobre afasia (1891); o projeto de 1895. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.1.

_____ **Introdução à metapsicologia freudiana:** a interpretação dos sonhos (1900). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a, v.2.

_____**Introdução à metapsicologia freudiana:** artigos de metapsicologia – narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000b, v.3.

GABBI JR, Osmyr Faria. **Freud:** racionalidade, sentido e referência. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

GREEN, André, et. al. **A pulsão de morte.** São Paulo: Escuta, 1988.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HEIMANN, Paula. Notas sobre a teoria dos instintos de vida e de morte. In: KLEIN, M. et al. **Os processos da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 344 – 360.

HERRMANN, Fábio. **Andaimes do real:** o método da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, v.1,1991a.

_____**Clínica psicanalítica:** a arte da interpretação. São Paulo: Brasiliense, 1991b.

_____**O divã a passeio:** à procura da psicanálise onde não parece estar. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____**Psicanálise do cotidiano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução à epistemologia da psicologia.** Rio de Janeiro: Imago, 1982a.

_____**Nascimento e morte das ciências humanas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982b.

KAUFMAN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise:** o legado de freud e lacan. Jorge Zahar, 1996.

LAPLANCHE, Jean. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: GREEN, André. **A pulsão de morte.** São Paulo: Escuta, 1988, p.13 – 30.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LAVADE, B. Psicanálise e sociologia. In: KAUFMAN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de freud e lacan**. Jorge Zahar, 1996, p. 728 – 734.

LE RIDER, Jacques et. al. **Em torno de o mal-estar na cultura, de freud**. São Paulo: Escuta, 2002.

LESSA, Júnia França; VASCONCELLOS, Ana Cristina. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. **Pulsão de morte e racionalidade na teoria freudiana**. 1999. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/Teses_Dissertacoes.htm>. Acesso em 01/12/2005.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: movimento de um pensamento**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.

_____. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas In: PRADO JR, Bento (Org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 109 – 138.

MOSCOVICI, Marie. **A sombra do objeto: sobre a inatualidade da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

PRADO JR, Bento (Org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SAID, Edward W. **Freud e os não-europeus**. São Paulo: Boitempo, 2004.

SANTOS, Diana Barbosa. **Metapsicologia: uma abordagem heurítica**. 1999. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/Teses_Dissertacoes.htm>. Acesso em 01/12/2005.

SEGAL, Hanna. Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In: GREEN, André. **A pulsão de morte**. São Paulo: Escuta, 1988, p.31 – 44.

STRACHEY, James. Apêndice: relação das obras de Freud que tratam de antropologia social, mitologia e história das religiões. In: FREUD, Sigmund [1913/1912] **Totem e tabu**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIII, p. 14-16.

_____. Prefácio dos artigos metapsicológicos. In: FREUD, Sigmund [1915a] **Os instintos e suas vicissitudes**. Coleção das obras psicológicas completas de sigmund freud da ed. standard brasileira. Rio Janeiro: Imago, 1980, v. XIV, p. 123-125.

REY-FLAUD, Henri. Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura. In: LE RIDER, Jacques et. al. **Em torno de o mal-estar na cultura, de freud**. São Paulo: Escuta, 2002, p. 5 – 68.

RICOUER, Paul. **Os conflitos das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio Janeiro: Imago, 1978.

ROTH, Michael S. (Org.) **Freud**: conflito e cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.